



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

MARCOS FILIPE DO NASCIMENTO BEZERRA

DA PAIXÃO QUE CONSPURCA AO AMOR QUE LIBERTA:
IDENTIDADES QUEER EM ORANGES ARE NOT THE ONLY FRUIT,
DE JEANETTE WINTERSON

JOÃO PESSOA

2019

MARCOS FILIPE DO NASCIMENTO BEZERRA

DA PAIXÃO QUE CONSPURCA AO AMOR QUE LIBERTA:
IDENTIDADES *QUEER* EM *ORANGES ARE NOT THE ONLY FRUIT*,
DE JEANETTE WINTERSON

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras, da Universidade Federal da Paraíba -
UFPB, como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciado em Letras, habilitação
em Língua Inglesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth
Peregrino Souto Maior Mendes

JOÃO PESSOA

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B574p Bezerra, Marcos Filipe do Nascimento.

Da paixão que conspira ao amor que liberta:
identidades queer em Oranges are not the only fruit, de
Jeanette Winterson / Marcos Filipe do Nascimento
Bezerra. - João Pessoa, 2019.
51 f.

Orientação: Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior
Mendes.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura inglesa. 2. Teoria queer. 3. Jeanette
Winterson. 4. Oranges are not the only fruit. I.
Mendes, Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior. II.
Título.

UFPB/CCHLA

MARCOS FILIPE DO NASCIMENTO BEZERRA

DA PAIXÃO QUE CONSPURCA AO AMOR QUE LIBERTA:
IDENTIDADES *QUEER* EM *ORANGES ARE NOT THE ONLY FRUIT*,
DE JEANETTE WINTERSON

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras, da Universidade Federal da Paraíba -
UFPB, como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciado em Letras, habilitação
em Língua Inglesa.

João Pessoa, 13 de setembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA:



Prof^ª Dr^ª Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior Mendes - UFPB
(Orientadora)



Prof^ª Dr^ª Danielle de Luna e Silva - UFPB
(1º Examinador)



Prof. Dr. Jeová Rocha de Mendonça - UFPB
(2º Examinador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a toda minha família, especialmente à minha mãe, Antônia, e ao meu pai, Marcos, por todos os esforços despendidos em prol da minha educação formal desde os meus primeiros anos de vida. Às minhas queridas irmãs, por serem refúgio em tantos momentos: Marcela, que sempre me escutou nas horas que mais precisei de uma amiga, me oferecendo palavras de conforto em todas essas vezes; e Rebeca, que se arriscou comigo na jornada de recomeçar a vida em um outro estado em busca de novas oportunidades, e que tanto me ajudou nessa caminhada. À minha sobrinha Ester que, com apenas seus 4 aninhos, enche meu coração de felicidade por meio de toda sua inocência e doçura, e permite que eu me torne criança novamente ao seu lado.

A Val, por, além de ser um companheiro incrível, sempre me oferecer um ombro amigo quando necessito. Seu incentivo e exemplo me encorajam a ir cada vez mais longe e a acreditar na minha capacidade de conquistar tudo que eu sonhar. O sorriso do seu rosto também desperta o meu e me traz acalanto.

A Fabio, que tem sido uma companhia essencial desde que nos conhecemos. Além de um amigo fiel, tornou-se um irmão para mim. Agradeço por todo o apoio dado neste trabalho. Todas as suas sugestões e comentários foram de enorme valia para que eu pudesse desenvolvê-lo da melhor maneira.

A Mayara, Leo e Malu por terem sido companheiros de curso maravilhosos. Tive a sorte de encontrar amigos que me ajudaram a percorrer a trajetória acadêmica de maneira tão amistosa. Tê-los durante esse percurso me proporcionou muitas risadas e momentos de diversão. Sou grato por toda a ajuda que compartilhamos durante todos esses anos, que tornou tudo bem mais leve. Também agradeço a Louise que, mesmo não tendo continuado conosco até o final do curso, permaneceu em nosso grupo e sempre nos diverte com suas gargalhadas.

A todos os meus amigos e amigas de Pernambuco que, em todas as viagens que fiz para Caruaru, me receberam com tanta alegria e afeto. Também aos amigos e amigas que conheci na cidade de João Pessoa, por terem me acolhido de forma tão carinhosa e feito com que eu me sentisse em casa, mesmo estando longe.

À professora Elizabeth Souto Maior, que gentilmente aceitou ser minha orientadora para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço por todo o empenho e dedicação na realização do mesmo. Também sou grato por ter sido a principal responsável por aguçar meu interesse no estudo da literatura, e por sempre estimular a reflexão crítica no texto literário.

Deixo aqui meu muito obrigado a todos!

*So I took the road less traveled by
And I barely made it out alive
Through the darkness somehow I survived
Tough love, I knew it from the start
Deep down in the depth
Of my rebel heart*

*Madonna,
Rebel Heart*

RESUMO

Discursos contra sujeitos que não se adequam aos padrões de gênero hegemônicos são recorrentes no seio de nossa sociedade. Tais discursos são caracterizados como homofobia, isto é, violência verbal, física ou moral contra indivíduos homossexuais. A população LGBTQ+ é colocada à margem por não se adequar ao modelo de identidade heterossexual, que é classificada como única orientação sexual “natural” por alguns grupos. Além disso, o patriarcado exerce um grande poder, com desdobramentos verdadeiramente nocivos, sobre os sujeitos, principalmente sobre as mulheres, que, devido à dominância masculina, são condenadas a uma posição subalterna. A partir de tais observações, escolhemos como objeto de estudo o romance *Oranges are not the only fruit* (1985), da escritora inglesa Jeanette Winterson (1959 –), com o objetivo de analisar, à luz da Teoria *Queer* e algumas considerações sócio-históricas acerca da sexualidade feminina, de que forma as personagens Jeanette e Melanie lidam com a repressão social a que são expostas devido ao seu relacionamento homoafetivo. Para embasar o nosso trabalho, utilizaremos como fundamentação teórica os estudos de Foucault (2017) e Stearns (2010) no tocante à história da sexualidade. Também nos subsidiamos de Hall (2005), visando compreender o processo de formação da identidade, e das contribuições de Butler (2017), Louro (2004) e Spargo (2017) a fim de discutir teorizações sobre identidades de gênero.

Palavras-chave: Literatura inglesa; Teoria *Queer*; Jeanette Winterson; *Oranges are not the only fruit*.

ABSTRACT

Discourses against subjects that do not fit to hegemonic gender standards are recurrent within our society. Such discourses are characterized as homophobia, that is, verbal, physical or moral violence against homosexual individuals. LGBTQ+ people are marginalized because they do not adjust to the model of heterosexual identity, which is considered to be the only “natural” sexual orientation by some groups. In addition, patriarchy exerts great pressure, with truly harmful consequences over subjects, especially women, who, due to male dominance, are condemned to a subordinate position. Considering this, we chose as object of study the novel *Oranges are not the only fruit* (1985), by English writer Jeanette Winterson (1959 -), aiming to analyze, in the light of Queer Theory and some socio-historical considerations about female sexuality, how the characters Jeanette and Melanie deal with the social repression to which they are exposed due to their homoaffective relationship. To support our work, we are going to use as theoretical framework the studies of Foucault (2017) and Stearns (2010) regarding the history of sexuality. We also subsidize Hall (2005), aiming to understand the process of identity formation, and the contributions of Butler (2017), Louro (2004) and Spargo (2017) in order to discuss theorizations about gender identities.

Keywords: English Literature; Queer Theory; Jeanette Winterson; *Oranges are not the only fruit*.

SUMÁRIO

Introdução	9
1. CORPOS “ABJETOS”: UM PANORAMA HISTÓRICO ACERCA DA SEXUALIDADE FEMININA	12
1.1 Nos rastros de Safo: a sexualidade feminina na Antiguidade Clássica	12
1.2 Da culpa de Eva à pureza de Maria: a sexualidade feminina na Idade Média	14
1.3 Sexo, feminismo e revoluções: a sexualidade feminina na modernidade e na contemporaneidade	17
2. SUBJETIVIDADES (DES)VIADAS: A QUESTÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA <i>QUEER</i>	22
2.1 Por um retrato do eu: o advento da modernidade e o colapso das identidades.....	22
2.2 O sujeito homossexual e a origem da Teoria <i>Queer</i>	25
2.3 Entre o sexo e o gênero, a performance	28
3. ENTRE O AMOR E A MORAL, A PAIXÃO: UMA LEITURA DE <i>ORANGES ARE NOT THE ONLY FRUIT</i>, DE JEANETTE WINTERSON	33
3.1 Quando a realidade anuncia a ficção: Jeanette Winterson e sua obra de estreia	33
3.2 Frutas, sexo e dever: Jeanette e a figura materna	37
3.3 Jeanette e Melanie ou quando a fé amordaça o amor	42
Considerações finais	47
Referências	49

Introdução

Os estudos de gênero têm provocado cada vez mais interesse por estarem no centro de debates constantes na mídia, nas mais diversas esferas sociais. Os modos masculino e feminino de ser são engendrados na cultura, e as divergências no que concerne às identidades sexuais dos sujeitos geram discussões constantemente. A Teoria *Queer*, amplamente debatida pela filósofa estadunidense Judith Butler (1956 –) em tempos atuais, surge no início dos anos 90 do século XX confrontando a chamada heterossexualidade compulsória, que é a exigência de que todos os indivíduos sejam heterossexuais, e coloca os que fogem a este padrão imposto em uma categoria que os representa. De acordo com Butler (2017), o gênero é performativo e construído socialmente, ou seja, é a partir das experiências interpessoais que a identidade é determinada.

A condenação social e consequente não-aceitação são realidades frequentes para os sujeitos homoeróticos. Desde a infância, é comum que alguns desses indivíduos apresentem comportamentos que não são associados ao seu sexo biológico, e isso é socialmente reprovável. Louro (1997) aponta que, para as crianças que desejam realizar atividades que são socialmente correspondentes ao outro gênero, as situações que enfatizam fronteiras e limites são usualmente vividas com muita dificuldade. A família age como um núcleo que ensina o indivíduo como se comportar de acordo com o gênero correspondente ao órgão sexual, e com isso, além da rejeição pelo meio em que vive, também é recorrente que dentro do próprio seio familiar haja repulsa e desaprovação em relação a essa quebra da heteronormatividade.

Durante muito tempo, acreditou-se que a homossexualidade fosse uma doença, sendo, portanto, passível de tratamento. Era caracterizada pelo termo “homossexualismo”, palavra que vem carregada de conotações patológicas e que apenas em 1990 foi excluída da lista de distúrbios mentais da Organização Mundial de Saúde. Apesar das conquistas e avanços alcançados pelos movimentos civis LGBTQ+, a subjetividade homoafetiva continua sendo associada ao pecado, devido principalmente à influência do discurso religioso, particularmente o judaico-cristão, que se disseminou no ocidente ao decorrer dos séculos.

A obra *Oranges are not the only fruit* (1985), da escritora britânica Jeanette Winterson (1959 –) é um romance semiautobiográfico¹ que tem como figura central uma personagem

¹ Por ficção (semi)autobiográfica entendemos um “texto autobiográfico e literário que apresenta numerosos traços de oralidade, de inovação formal, de complexidade narrativa, de fragmentação, de alteridade, de disparatado e de auto-comentário, os quais tendem a problematizar a relação entre a escrita e a experiência” (GASPARINI, 2008, p. 311, tradução nossa).

homônima. As suas descobertas enquanto sujeito são desveladas ao decorrer das páginas deste *Bildungsroman*² (romance de formação), em que é possível acompanhar a trajetória da protagonista, passando por diversas experiências sociais que a conduzem a um percurso de autoconhecimento, desde sua infância até atingir a maturidade. A homossexualidade de Jeanette é considerada um tabu para sua mãe e para a comunidade religiosa que ambas frequentam, visto que comportamentos associados ao sexo oposto e atração por pessoas do mesmo sexo não são permitidos pela doutrina da religião pentecostal, a qual a personagem era devota. O mesmo acontece com a personagem Melanie, com quem Jeanette se relaciona por um breve período de tempo. Exatamente devido a essa relação homoafetiva, haverá uma tentativa de silenciamento e opressão para com as referidas personagens.

Oranges are not the only fruit é permeado por personagens pentecostais que são as maiores referências para a personagem principal. A Igreja é a instituição mais importante para Jeanette, portanto, as opiniões das pessoas que fazem parte dela têm muita relevância para a garota. O impacto do discurso religioso afeta o modo como ela e sua amante enxergam sua relação e portanto exerce influência direta sobre suas vidas. Apesar de possuir diversos personagens, a análise desenvolvida nesse trabalho centra-se principalmente na protagonista Jeanette, em sua amante, Melanie, e em sua mãe, Louie.

O romance foi escolhido para este estudo por trazer a temática da homossexualidade sob a perspectiva de uma autora lésbica, bem como mostrar de que forma alguns fatores como a Igreja e a família afetam a relação homoafetiva das personagens. É uma obra que traz à tona um tópico relevante que continua provocando discussões nos dias que correm. A autora, Jeanette Winterson, ganhou o prêmio Whitbread de melhor romance de estreia pelo livro, o que atesta sua qualidade literária. Além disso, a obra foi adaptada para a televisão e transmitida por um dos mais importantes canais do Reino Unido, a BBC, e com essa adaptação ganhou o prêmio BAFTA por melhor série de drama.

A partir do exposto, este trabalho se propõe a analisar de que forma as personagens Jeanette e Melanie reagem às pressões sociais para mudar de comportamento no que concerne à sua identidade *queer*. Logo, para alcançar o nosso propósito maior, levantamos os seguintes objetivos específicos: 1) traçar um panorama histórico acerca da sexualidade feminina nos períodos da Antiguidade Clássica, Idade Média, modernidade e contemporaneidade, para examinar de que formas as influências do patriarcado vêm se manifestando ao decorrer dessas

² Do alemão *bildung* (formação) e *roman* (romance), a expressão designa uma “modalidade de romance tipicamente alemã, [que] gira em torno das experiências que sofrem as personagens durante os anos de formação e educação, rumo à maturidade” (MOISÉS, 2004, p. 56).

épocas 2) discutir alguns conceitos, como gênero, identidade e performance, à luz da Teoria *Queer* a fim de compreendê-los e relacioná-los à obra estudada 3) identificar de que maneira a influência religiosa implica na repressão das personagens citadas, em relação à sua homossexualidade.

O trabalho se estrutura em três capítulos. No primeiro capítulo, será abordado de que forma as mulheres foram enxergadas em diferentes épocas da sociedade ocidental, de que maneira elas eram tratadas, e como era permitido que elas se comportassem. No segundo capítulo discutiremos os conceitos relacionados à Teoria *Queer* e às identidades na pós-modernidade. Por último, no terceiro capítulo, traremos um breve resumo do livro *Oranges are not the only fruit* (1985), descreveremos sua recepção pelo público e pela crítica e analisaremos a obra, dando enfoque à relação homoafetiva de Jeanette e Melanie.

Tratando-se de uma pesquisa bibliográfica, nos ancoramos nos pressupostos teóricos de Michel Foucault (2017) e Peter Stearns (2010), particularmente seus estudos acerca da história da sexualidade. Além disso, convocamos Judith Butler (2017), Tamsin Spargo (2017) e Guacira Lopes Louro (2004) para discutir a Teoria *Queer* e as identidades de gênero, e Stuart Hall (2005) para explanar acerca do processo de formação da identidade.

1. CORPOS “ABJETOS”: UM PANORAMA HISTÓRICO ACERCA DA SEXUALIDADE FEMININA

1.1 Nos rastros de Safo: a sexualidade feminina na Antiguidade Clássica

A sexualidade e as relações de gênero estão presentes na cultura desde os primórdios, e a análise de sua história nos permite compreender fatores que moldam nossas percepções até a contemporaneidade. Identificar os aspectos históricos concernentes a este tema, portanto, se faz necessário para que haja entendimento acerca do papel feminino na sociedade ocidental ao decorrer do tempo. Em relação a essas ideias, Tiburi (2018) discute sobre o quão silenciadas as mulheres foram sendo durante a história da humanidade:

As mulheres representam uma imensa multidão de seres que não puderam se tornar quem eram, ou quem desejavam ser, porque foram educadas para servir aos homens. Para se tornarem seres que servem a outros seres sem esperar nada em troca. Ainda há pessoas que defendem ideias assim. Que exploram mulheres enquanto mães; empregadas domésticas, trabalhadoras do comércio ou das grandes corporações; ou como prostitutas. E que as exploram também como imagens, figuras espetaculares usadas como mercadorias para vender outras mercadorias (TIBURI, 2018, p. 79).

Os homens vêm dominando a poder na cultura desde a antiguidade, e, por essa razão, o patriarcado ainda continua em vigor até os dias atuais. As mulheres são alojadas em uma posição de inferioridade nesse modelo. Rich (1995) nos dá uma definição do sistema patriarcal:

O patriarcado é o poder dos pais: um sistema político, sociofamiliar, ideológico, no qual os homens - pela força, pressão direta, ou pelo ritual, tradição, lei, linguagem, costumes, etiqueta, educação e divisão do trabalho, determinam qual papel as mulheres devem ou não desempenhar, e no qual a fêmea está em toda parte subordinada ao homem³ (RICH, 1995, p. 57, tradução nossa).

Na sociedade grega, que teve ascensão inicial de suas cidades-estados por volta de 800 a.C., o controle e a reclusão do corpo feminino eram amplamente praticados. As mulheres eram instruídas a permanecerem virgens até o casamento, casavam-se muito jovens e

³ No original: “Patriarchy is the power of the fathers: a familial-social, ideological, political system in which men - by force, direct pressure, or through ritual, tradition, law, and language, customs, etiquette, education, and the division of labor, determine what part women shall or shall not play, and in which the female is everywhere subsumed under the male” (RICH, 1995, p.57).

geralmente eram mantidas rigidamente confinadas em suas casas. Na instituição do casamento era dada muita importância à reprodução e consequente dedicação ao exercício da maternidade. De acordo com Stearns (2010), “na cultura grega, as mulheres ocupavam posição de considerável desrespeito e eram vistas como criaturas libertinas e imorais por natureza, portanto, necessitando de controle externo – pois a mulher ideal deveria enfatizar a castidade e a devoção à maternidade” (STEARNS, 2010, p. 55). Como consequência da ênfase nesses ideais, as mulheres eram enxergadas como seres que não conseguiam manter-se independentemente, e, por conseguinte, precisavam do domínio masculino para poder existir. Antes do casamento, eram sujeitas à autoridade paterna, e após, deveriam servir aos seus maridos e se empenharem no cuidado de seus filhos.

Apesar de haver esse grande controle que, obrigava grande parte das mulheres a desposarem algum homem, havia algumas que fugiam desse modelo na sociedade grega. Salles (1987) afirma que, além das esposas, que eram restringidas ao espaço doméstico e tinham a tarefa de gerar filhos, havia também as concubinas que, desempenhavam um papel sexual, bem como ajudavam os senhores em suas tarefas diárias, podendo essas ser escravas ou livres. Ademais, existiam as prostitutas, que através de seu ofício satisfaziam os prazeres masculinos e preservavam a castidade das mulheres livres. Todas as citadas estavam sujeitas a servirem aos homens de alguma maneira.

Devido ao confinamento feminino à esfera do privado, não era esperado que as mulheres emitissem opiniões públicas, e nem mesmo tivessem direitos políticos. Apenas os homens poderiam votar e exercer cargos administrativos, sendo, inclusive, considerado impróprio para uma mulher discutir sobre esses assuntos. Elas estavam incumbidas a cuidar da casa, enquanto os homens deveriam trabalhar fora ou atuar como soldados.

Alusões a relacionamentos homoafetivos eram comuns na arte e na literatura grega, principalmente no que concerne aos indivíduos do sexo masculino. Havia uma espécie de sistema de aprendizado que estava ligado à educação dos jovens nos seus deveres de cidadãos. Esses rapazes pertencentes às classes mais altas ficavam sob supervisão de mestres mais velhos, tornando-se seus aprendizes. Esse apadrinhamento era uma porta aberta para a ocorrência de relações sexuais entre homens, o que na época se perfazia em pederastia. Apesar dessas relações ocorrerem entre eles, os homens mais velhos eram casados, e esperava-se que os jovens, mais tarde, também se casassem e aprendessem a neutralizar tal comportamento em nome do exercício de papéis heterossexuais. De acordo com Foucault (2017), “na Grécia a verdade e o sexo se ligavam, na forma de pedagogia, pela transmissão corpo a corpo de um saber precioso; o sexo servia como suporte às iniciações de

conhecimento (FOUCAULT, 2017, p. 69). Corroborando com isto, Naphy (2006) afirma que “a civilização grega, fundação sobre a qual assenta a civilização ocidental, não só tolerava como enaltecia – ou institucionalizava as relações homossexuais masculinas” (NAPHY, 2006, p. 57). Stearns (2010) descreve que além da homossexualidade masculina, a lesbianidade⁴ também era discutida. Entretanto, não se sabe se essas ligações sexuais entre mulheres ultrapassavam a condição de raridade ou se realmente eram comuns. A homossexualidade também foi registrada na sociedade romana, principalmente através de alguns imperadores que mantinham relações sexuais com escravos. Esse ato era considerado como adultério, sendo desonroso para quem o praticasse. Naphy (2006) afirma que uma das razões que levava os romanos a terem escravos era justamente a de poder se satisfazerem sexualmente sempre que quisessem.

Na Roma Antiga admitia-se que os homens tivessem relações sexuais fora do casamento, e sugeria-se que as próprias mulheres buscassem virgens para proporcionar prazer ao seu esposo. Assim como na sociedade grega, eram incentivadas a casar precocemente, serem mães devotas e fiéis, sendo, portanto, dedicadas à figura masculina. Também havia as prostitutas, que através de seu trabalho, evitavam que os homens tivessem relações sexuais com outras mulheres casadas, e, assim, inibia-se o adultério, pois a prostituição não era considerada como infidelidade. Salles (1987) afirma que para os pobres, o nascimento de uma menina era sinônimo apenas de despesas, pois eram esperadas crianças do sexo masculino, e, por isso, eram comuns tanto o abandono quanto a prostituição precoce.

1.2 Da culpa de Eva à pureza de Maria: a sexualidade feminina na Idade Média

A disseminação do cristianismo na Europa influenciou em grande medida os padrões e o exercício da sexualidade. Esse foi um fator crucial, pois essa era minimizada ou regulada de acordo com os preceitos religiosos. As “más condutas” sexuais poderiam ser penalizadas, sendo consideradas crimes contra Deus. Essa religião, que se espalhou profundamente no Ocidente, valorizava a virgindade e hostilizava a expressão exacerbada da sexualidade, o que poderia ser visto como reação à sexualidade aflorada, que era evidente nas classes mais altas de Roma, no período clássico.

O celibato era bastante incentivado, pois, para a Igreja, isso era espiritualmente preferível. Mesmo as pessoas que eram casadas eram estimuladas a não praticarem com

⁴ A palavra lésbica é uma referência à ilha grega de Lesbos, lugar onde nasceu a poeta Safo que, em suas poesias, descreveu mulheres que sentiam desejos sexuais umas pelas outras.

frequência o ato sexual e se preservarem, uma vez que esse deveria servir apenas para procriação, assim como habitualmente o prazer físico ser condenado. As mulheres, principalmente, eram vigiadas e controladas pelas instituições religiosas, conforme afirma Stearns (2010):

A perspectiva cristã também se calcou na ênfase judaica da importância de confinar o sexo ao casamento e priorizar a procriação, além de outros precedentes, não apenas na lei judaica, mas também na cultura grega, que enfatizavam a fraqueza moral do gênero feminino e a necessidade de um controle rigoroso das mulheres, criaturas que, embora possuísem alma imortal, estavam mais próximas que os homens do comportamento animal (STEARNS, 2010, p. 83).

Segundo Stearns (2010), a Europa cristã produziu uma maior ambivalência entre mulheres e homens, pois os indivíduos do sexo masculino também eram considerados transgressores. O adultério era condenado para ambos, no entanto, as mulheres ainda recebiam punições mais severas. Um dos argumentos para justificar a inferioridade moral feminina era a concepção de que Eva foi a primeira pecadora e de que a mulher influenciou o homem a pecar. A esse respeito, Macedo (1992) afirma que:

A Mulher era vista pelos religiosos como “naturalmente” inferior ao “sexo viril”. Deus havia criado primeiro o homem. Ele foi criado à imagem e semelhança do Todo-Poderoso. Ela era meramente um reflexo da imagem masculina, uma imagem secundária. Sexos diferentes, ambos uniam-se pelo casamento. Contudo, não se tornavam iguais. Considerada a responsável pela queda da humanidade no pecado, a dominação do esposo sobre ela e as dores do parto eram vistos como seu castigo (MACEDO, 1992, p. 19).

As mulheres viviam sob o domínio masculino, e quando dispunham de bens materiais não podiam administrá-los. Ao casar-se, recebiam dote do marido, assim como alguns bens de seu pai, entretanto, caso ficassem viúvas ou perdessem seus pais, não tinham direito à herança, que ficava para o primogênito da família. Até mesmo o casamento poderia representar vantagens para os homens, pois quando a família da esposa tinha boas condições financeiras, eles poderiam ganhar posição social, respeito e poder, e caso a mulher não tivesse irmãos, algum dia o marido poderia tornar-se chefe da família do sogro.

De acordo com Macedo (1992), a mulher medieval não deve ser apenas pensada como um grupo oprimido apenas pelos homens, pois não é possível colocar em um mesmo plano condessas e castelãs com servas e camponesas livres, ricas burguesas com artesãs, domésticas ou escravas. Muitas vezes essa opressão também era exercida pela mulher que tinha mais

poder sobre a que era dependente. Todas, porém, desempenharam papéis que se restringiam ao lar e ao trabalho doméstico: filhas, esposas, mães e donas-de-casa.

Alguns grupos de mulheres eram mais marginalizados que outros, como as prostitutas e as feiticeiras. Macedo (1992) afirma que não é possível confirmar a hipótese de que havia uma marginalização generalizada da mulher, pois o casamento garantia certa estabilidade da ordem social, apesar de que ela só estava reduzida ao meio familiar e deveria servir à sua casa. Ainda segundo o autor, “hereges e bruxas, indesejáveis, foram sistematicamente eliminadas. As práticas sexuais, explícitas no caso das prostitutas e implícitas no caso das bruxas, constituiu o elemento essencial causador da exclusão” (MACEDO, 1992, p. 60).

As atividades de prostituição existiram no mundo rural durante toda a Idade Média, e também no urbano de forma mais organizada. Existiam bordéis que funcionavam em espaços públicos e privados. Apesar dos padrões morais da época, a prostituição sempre foi tolerada e as prostitutas eram enxergadas como fonte de obtenção de prazer. Segundo Macedo, “o recurso aos “casarões noturnos” diminuiu a possibilidade de estupros, arruaças e violências generalizadas cometidas pelas agremiações juvenis. Resolvia também o problema da homossexualidade masculina na mira dos governantes das cidades italianas” (MACEDO, 1992, p. 73). Mesmo que a prostituição fosse permitida, as prostitutas não eram bem vistas, e eram controladas e afastadas das pessoas que obedeciam as regras da doutrina cristã.

Outro grupo perseguido de acordo com a ótica cristã, por sua associação ao paganismo foram os homossexuais. Estes eram acusados de comportar-se como animais, uma vez que agiam de maneira “anormal” e “antinatural”. De acordo com Naphy (2006) “a promiscuidade, a prostituição, o adultério, a homossexualidade e o sexo com jovens – tudo isso pertencia ao mundo sexual repudiado pela Igreja” (NAPHY, 2006, p. 76). A finalidade do sexo era a de procriar, e como qualquer tipo de relação sexual entre pessoas do mesmo sexo não tinha esse intuito, era considerada como uma violação da natureza.

No âmbito da religião, algumas mulheres chegaram a ser acusadas de bruxaria devido ao envolvimento com doutrinas que iam contra os dogmas da Igreja, as chamadas heresias. Isso resultou no movimento de “caça às bruxas”, que ocorreu principalmente entre os séculos XV e XVII, período cronologicamente posterior à Idade Média. Havia a crença e o medo da feiticeira e todos os seus estereótipos que se incutiam no imaginário popular. As mudanças ocorridas nesse período trouxeram uma visão do mundo, de Deus e do demônio que não eram tão fortes anteriormente. Esse medo do demônio trouxe também o medo das feiticeiras, o que fez gerar sua perseguição e extermínio. Sob esse ponto de vista, a bruxa era responsável por atos sexuais abomináveis e pelos malefícios de toda espécie. As mulheres que praticavam

atividades consideradas estranhas despertavam a atenção dos defensores da ordem e eram, conseqüentemente, vítimas de perseguição, culminando assim em um processo de extermínio.

1.3 Sexo, feminismo e revoluções: a sexualidade feminina na modernidade e na contemporaneidade

A partir do século XVIII, muitas mudanças aconteceram no mundo, e, segundo Stearns (2010), algumas forças contribuíram para os comportamentos sexuais serem transformados de certa maneira no Ocidente: as transformações na economia, através da Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra; as mudanças culturais estimuladas pelo Iluminismo (1715-1789), juntamente ao que diz respeito à religiosidade com a propagação do protestantismo, que rompeu com alguns dogmas da Igreja Católica; e, por fim, melhorias na qualidade de vida em relação à alimentação e também às condições de moradia.

Durante esse período, o número de crianças nascidas fora da instituição matrimonial aumentou, o que significa que mais jovens estavam tendo relações sexuais antes do casamento. Essa pode ser considerada uma primeira revolução sexual moderna, já que mais jovens passaram a praticar o ato sexual sem necessariamente possuírem algum vínculo conjugal com seus parceiros. Porém, esse fator contribuiu para o aumento no número de filhos ilegítimos, bem como o abandono parental, “criou também um fardo duradouro para as mães solteiras, invariavelmente sujeitas à vergonha, bem como à pobreza, além de inúmeras dificuldades para os próprios filhos” (STEARNS, 2010, p. 146).

Como tentativa de frear essa primeira revolução sexual, parte da população passou a se atentar mais a respeito das questões de ordem moral, manifestando-se então um conjunto de valores que ficou conhecido na posteridade como *vitorianismo*. Esse termo faz alusão à Era Vitoriana, em função da vigência do longo reinado da rainha britânica Vitória (1837-1901), que tentava restringir a sexualidade, defendendo padrões tradicionais e influenciando o comportamento e a cultura. Nesse período, especialistas que até então não haviam se importado com questões sexuais passaram a oferecer apoio a conservadores, como juízes, médicos, e os porta-vozes da classe médica, afirmando que muitas práticas sexuais influenciavam a moralidade e a saúde. Foi o que ficou conhecido como a “medicalização” do discurso, e no que se referia à sexualidade, tinha tanto valor quanto o que era dito pelos padres e sacerdotes:

Poder-se-iam citar outros focos que a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das “doenças dos nervos”; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar – do lado da “extravagância”, depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das “fraudes contra a procriação”, a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes “crapulosos” e antinaturais, mas que aproximadamente na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância, enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais, dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo – tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiam os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele (FOUCAULT, 2017, p. 34).

A moralidade vitoriana defendia que a atividade sexual deveria limitar-se ao casamento. Além disso, trazia a crença que os homens eram criaturas sexualmente agressivas, e que as mulheres atuavam como civilizadoras nesse âmbito, tendo como função refrear a sexualidade deles, pois possuíam menos desejo sexual. De acordo com Stearns (2010), caso as mulheres se mostrassem mais vorazes em relação à sexualidade eram condenadas pela sociedade:

Os vitorianos também demonstravam avidez para condenar as mulheres que dessem mostra de ser sexualmente agressivas (ou simplesmente fossem mais ativas), pois estas violavam não apenas a moralidade, mas a própria feminilidade; já os homens transgressores podiam ser mais facilmente perdoados, por causa de seus níveis mais altos de desejo. Em função de tudo isso, às mulheres foi atribuído um poderoso papel moral, no âmbito da família e da sociedade como um todo; mas isso levaria a novas formas de sofrimento psicológico e invariavelmente resultaria em um alto custo para o que mais tarde (hoje) seria considerado um funcionamento sexual normal (STEARNS, 2010, p. 162).

Como em épocas anteriores, os homens tinham mais facilidade em burlar as regras do que as mulheres, e em muitos casos não respeitavam os princípios da manutenção da virgindade até o casamento, desejável a elas e não a eles, de acordo com a moral vitoriana. Isso se dava principalmente porque eles não teriam que carregar o transtorno de obter uma gravidez indesejada, como suas contrapartes femininas. Apresentava-se então uma moral sexual de duplo padrão, segundo a qual os homens insistiam que as mulheres obedecessem as

regras alimentadas pelas ideias vitorianas, enquanto a eles eram permitidos encontros casuais com prostitutas ou amantes.

Para lidar com os ideais dessa época, como o casamento que ocorria mais tardiamente, meninas e meninos eram separados até mesmo nas escolas. Essa reclusão, de certa forma e em certo nível, favorecia a aproximação entre os entes de mesmo sexo, sem necessariamente ocasionar relacionamentos amorosos e/ou sexuais entre eles, envolvendo manifestações de carinho e afinidade. Grande parte dessas amizades acabava para os homens após o casamento, já para as mulheres, geralmente eram mantidas com a mesma intensidade, principalmente para compensar a ausência afetiva de seus maridos.

A homossexualidade continuava em uma categoria relacionada ao pecado e era considerado um ato ilegal, contudo, passou a ser pesquisada por médicos europeus a partir de meados do século XIX adentrando o século XX, que consideravam essa condição como patológica e acreditavam que possivelmente seria fruto de alguma falha adquirida durante a infância. O resultado foi que os indivíduos que se identificavam nessa categoria começaram a enxergar uma identidade em comum, apesar dos constantes insultos e ataques sofridos publicamente, além de isso tornar-se uma preocupação dos jovens e dos pais em relação à sexualidade. A lesbianidade começava então a tomar uma definição, pois, até então as mulheres não eram vistas como seres sexuais, portanto, o que elas faziam com as outras não era tido como suspeito.

As manifestações em prol da emancipação feminina se avolumaram e passaram a ser ainda mais evidenciadas durante o século XIX, questionando a liberdade sexual masculina, e principalmente exigindo o direito à educação de qualidade para garotas, a fim de prepará-las para terem a possibilidade de alcançarem dependência econômica. O direito ao voto também foi um dos tópicos que começou a ganhar destaque nesse período. De acordo com Sanders (2001), algumas mulheres, influenciadas pelo patriarcalismo, se opunham a essa causa, pois argumentavam que seus interesses já estavam sendo bem representados pelos homens e que o voto poderia ser complicado para as mulheres casadas, uma vez que poderiam chegar a votar em oposição aos maridos.

No início do século XX algumas características do vitorianismo começaram a ser contestadas, apesar de continuarem em vigor. Stearns (2010) afirma que o prazer sexual feminino passou a ter mais atenção, ao mesmo tempo em que a repressão sexual tornou-se mais branda. Com as mudanças ocorridas na esfera pública, as roupas encurtaram em relação ao período anterior e o corpo feminino passou a ser mais revelado, principalmente nos primeiros concursos de beleza durante a década de 1920. Campanhas a favor de dispositivos

contraceptivos também foram frequentes, a fim de defender o controle de natalidade e promover uma sexualidade mais livre, de forma que o sexo recreativo tornou-se mais aceito do que antes.

Em meados desse século, o sexo com fins de procriação foi ficando mais em segundo plano. Novos métodos contraceptivos, como a pílula, foram introduzidos na década de 1960, o que revolucionou a maneira de como as mulheres poderiam exercer sua sexualidade. Essa mudança foi gigantesca no que diz respeito ao sexo por recreação, pois deu enorme liberdade para que se pudesse praticar relações sexuais sem que se implicasse em uma gravidez. Como consequência desses fatores, o sexo pré-marital tornou-se uma prática cada vez mais comum. Herzog (2011) afirma que “[...] a confiabilidade da pílula contribuiu substancialmente para tirar o medo do coito e, pela primeira vez, libertou as mulheres para experimentarem sexualmente, como só os homens haviam sido capazes antes”⁵ (HERZOG, 2011, p. 137, tradução nossa). Devido aos novos recursos, as taxas de natalidade caíram após o período que ficou conhecido como *baby boom*, entre 1940 e 1960, em que o número de crianças nascidas foi estrondoso.

O crescimento da cultura do consumismo e as invenções tecnológicas da medicina muito contribuíram para a revolução sexual da década de 1960. A cultura pública tornou-se mais erótica através do cinema, da literatura, de revistas, e de outros meios de comunicação, sendo possível ter mais acesso a conteúdos relacionados ao sexo e a pornografia. A moda também teve grandes mudanças, e foi nessa época que a minissaia se popularizou e as mulheres ficaram mais livres para exibir o corpo.

Além das mudanças ocorridas nesta época, movimentos sociais que visavam a liberdade sexual, a legalização do aborto, e os direitos das lésbicas e dos gays surgiram. As reivindicações dos indivíduos heterossexuais abriram as oportunidades para os homossexuais também mostrarem suas vozes e exigirem seus direitos. Segundo Herzog (2011):

[...] as rápidas mudanças atitudinais em relação à heterossexualidade criaram as bases para um ponderamento das atitudes sobre a homossexualidade. E, no entanto, e por mais contra intuitivo que isso possa parecer, foi apenas a partir das diferenças entre heterossexualidade e homossexualidade que estavam erodindo de tantas maneiras que homens homossexuais e mulheres lésbicas começaram a afirmar suas distintas “identidades sexuais” e

⁵ No original: “[...] the pill’s reliability contributed substantially to taking the fear out of coitus, and for the first time ever freed women to experiment sexually as only men had been able to before” (HERZOG, 2011, p. 137).

reivindicar seu “direito à diferença”⁶ (HERZOG, 2011, p. 170, tradução nossa).

Com o aumento da liberdade sexual, veio à tona o aumento de problemas em relação a infecções sexualmente transmissíveis, com destaque para o surgimento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), causada pelo vírus da imunodeficiência humana, o HIV. A doença foi identificada pela primeira vez no início da década de 1980, e foi associada principalmente à homossexualidade e ao uso de drogas, pois o contágio também pode se dar através do contato sanguíneo. De acordo com Stearns (2010), certos grupos começaram a ser estigmatizados como sendo particularmente perigosos, dentre eles os homossexuais que eram os alvos mais comuns, bem como os pobres e as minorias raciais.

Em relação aos movimentos em prol dos direitos das mulheres, a onda do feminismo que surgiu na década de 1960 reivindicou o estabelecimento de novos limites, aceitando a expressão sexual para as mulheres de modo a apoiar mudanças nos padrões comportamentais vigentes. Entretanto, o corpo feminino passou a ser exibido na mídia com muito mais apelo sexual do que o dos homens, fato este que não era tão positivo, pois trazia uma erotização exacerbada da mulher para o deleite masculino, e essa passou a também ser uma pauta discutida, visto que é uma forma de objetificação do corpo como meio de comércio. O conceito de assédio sexual surge alguns anos depois, e impõe aos homens certos limites para a interação com as mulheres, pois restringe alguns comportamentos que já estavam naturalizados até então.

Em suma, as mulheres vieram conquistando muitos direitos ao decorrer do tempo, contudo, a sociedade permanece regulada pelo sistema patriarcal e muitas mudanças ainda são necessárias. Mesmo com as mudanças nas perspectivas identitárias, é possível notar cotidianamente, e em quase todos os âmbitos, traços do machismo e do domínio masculino que continuam em vigor, muito também devido à crescente onda de conservadorismo nos últimos tempos, e, é a partir dessas marcas que são feitas as reivindicações para que se possa tentar mudar esse quadro que foi sendo construído durante tantos anos de história.

⁶ No original: “[...] rapidly changing attitudes about heterosexuality had created the grounds for a rethinking of attitudes about homosexuality. And yet, and however counterintuitive this may seem, it was just as the differences between heterosexuality and homosexuality were in so many ways eroding that homosexual men and lesbian women began to assert their distinctive “sexual identities” and to claim their “right to difference”” (HERZOG, 2011, p. 170).

2. SUBJETIVIDADES (DES)VIADAS: A QUESTÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA *QUEER*

2.1 Por um retrato do eu: o advento da modernidade e o colapso das identidades

Um dos fatores que mais causou impacto sobre a identidade cultural foi o processo de globalização, que muito contribuiu para as mudanças ocorridas nas sociedades modernas, e que continua influenciando até o presente momento. Essas transformações ocorrem de forma rápida e contínua devido à crescente gama de informações a que os sujeitos estão expostos e à velocidade que elas chegam a todo momento. Hall (2005) afirma que quanto mais o sujeito está conectado às imagens da mídia, aos sistemas de comunicação, e a outras ferramentas que possibilitam o estreitamento das relações humanas ao redor do mundo, mais as identidades se tornam desvinculadas. A exposição aos mais diversos estilos, lugares e tradições parecem dar a oportunidade de escolha para definir condutas a serem seguidas e vivenciadas por sujeitos de diferentes partes do planeta. Desse modo, torna-se possível observar comportamentos extremamente diferentes em uma mesma comunidade. As sociedades da modernidade tardia têm como característica a diferença, e produzem diversos tipos de identidade para os indivíduos devido à variedade de posições que o sujeito pode adquirir.

Durante muito tempo, acreditou-se que o sujeito possuía características fixas e que não era mutável. Essa crença colocava todos os indivíduos em uma mesma posição identitária e fazia com que fossem enxergados como seres que não possuíam particularidades específicas. De acordo com Hall (2005), a partir da pós-modernidade⁷, a categoria de um sujeito-em-processo é colocada como cerne da questão. Esse sujeito pode ser descrito como alguém que não possui um lugar estável no mundo, mas que está em constante desenvolvimento e que aprende repetidamente através dos seus atos, de maneira que está sempre se modificando.

Para que ocorressem tais mudanças na concepção do sujeito pós-moderno, foram necessários muitos movimentos na cultura ocidental, principalmente através de revoluções científicas, que questionaram os papéis vigentes e a solidez das identidades. A contestação acerca da concepção de sujeito unificado trouxe à tona um processo de descentração, caracterizando assim as identidades não-estáveis (HALL, 2005). Filósofos como Judith Butler e Michel Foucault descrevem a formação do sujeito como “um processo, que, para ser

⁷ O conceito de pós-modernidade pode ser definido como um conjunto de fenômenos sociais, culturais, artísticos e políticos. Alguns estudiosos afirmam que teve início no período pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945), cristalizando-se algumas décadas depois com a queda do muro de Berlim, em 1989.

compreendido, deve ser analisado em contextos e discursos históricos e discursivos específicos” (SALIH, 2017, p. 15). Ainda nesse pensamento, Salih (2017) descreve o sujeito hegeliano⁸, e afirma que é apenas através do conhecimento e do reconhecimento do outro que o sujeito pode conhecer a si mesmo. Isso quer dizer que é necessário haver uma troca de experiências com outros indivíduos para que ocorra a construção da identidade, de maneira que venha a moldar a personalidade individual e suas formas de comportamento. É somente por estar em uma comunidade e fazer parte dela que o sujeito pode adquirir uma identidade e se reconhecer como parte de um grupo, conforme afirma Butler (1987):

[...] as verdadeiras subjetividades vêm a se desenvolver somente em comunidades que proveem reconhecimento recíproco, pois não nos recompomos através do trabalho solitário, mas através do olhar de reconhecimento do Outro que nos confirma⁹ (BUTLER, 1987, p. 58, tradução nossa).

A partir desses pressupostos, temos a concepção de “alteridade”, que é definida como uma forma de registrar a relação entre o consciente e o mundo, a relação entre o “eu” e o “outro”. Esse conceito parte da hipótese de que o ser individual só existe em contraste com o mundo do outro. As preocupações filosóficas passam a se ater a um sujeito visto nos contextos político, cultural, linguístico, e religioso, que possui diferenças culturais, de classe, de gênero, entre outras.

Hall (2005) aponta cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridos no pensamento no período da modernidade tardia, que corresponde à segunda metade do século XX, aos quais ele chama de “descentramento” do sujeito. O primeiro é referente às tradições do pensamento marxista, o qual afirma que os indivíduos não são agentes ou autores da própria história, pois só agem sob as condições que lhes são fornecidas, utilizando recursos materiais e de cultura advindos de gerações anteriores. Logo, há uma dependência direta com o meio em que se vive.

O segundo vem da teoria do inconsciente, formulada por Freud, a qual afirma que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura dos nossos desejos são formadas a partir de processos psíquicos do inconsciente. Pensadores psicanalíticos como Jacques Lacan fazem uma leitura da perspectiva freudiana, apontando que a imagem do *eu* como inteiro e unificado

⁸ O hegelianismo é uma corrente filosófica fundada pelo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), que tem como principal obra “Fenomenologia do espírito” de 1807.

⁹ No original: “[...] true subjectivities come to flourish only in communities that provide for reciprocal recognition, for we do not come to ourselves through work alone, but through the acknowledging look of the Other who confirms us” (BUTLER, 1987, p. 58).

é aprendida aos poucos pela criança, pois é formada na relação com os outros, especialmente na primeira infância, no tocante aos sistemas de representação simbólica, como a língua, a cultura, e a diferença sexual. A identidade é construída ao decorrer do tempo através de processos inconscientes que continuam em andamento, o que significa que não é algo inato.

O terceiro descentramento corresponde ao trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure, que tem como argumento não sermos autores das afirmações e dos significados que expressamos oralmente, e sim dependentes das regras e dos sistemas de significado de nossa cultura, visto que a língua é um sistema social que preexiste a nós. As palavras carregam significados que surgem na relação de similaridade e diferença no interior do código da língua, e as afirmações feitas por nós são baseadas em proposições que as precedem, de que não temos consciência, mas que estão intrínsecas na nossa língua. Tudo que dizemos tem um momento anterior e posterior que deixa espaço para uma margem na qual outras pessoas podem inserir-se no contexto: “O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença)” (HALL, 2005, p. 41).

O quarto principal descentramento da identidade e do sujeito surge a partir do trabalho de Michel Foucault, que destaca um tipo de poder que se desdobrou ao longo do século XIX, chamado de “poder disciplinar”, visando, em primeira instância, a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana, e, em segunda instância, do indivíduo e do corpo. Seu objetivo é manter sob controle todos os aspectos relacionados ao indivíduo e consiste principalmente em produzir um ser humano que possa ser tratado com um corpo dócil. Esses saberes sobre o corpo buscavam definir o que seria saudável e normal, e, o que seria doentio e anormal, por conseguinte, haveria de ser corrigido ou excluído.

O impacto do feminismo como crítica teórica e movimento social, que emergiu durante os anos sessenta do século XX, vem a ser o quinto descentramento. Junto de vários outros movimentos que surgiram nessa época, veio a lutar pelos direitos civis e pela igualdade entre todos. Apelando para a identidade das mulheres, o feminismo começou como um movimento que veio contestar a posição social em que essas se encaixavam e expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. Algumas teóricas vêm a contribuir para esse debate através de suas ideias, como Simone de Beauvoir, Judith Butler, Angela Davis, entre outras. O feminismo visa libertar as mulheres da subordinação aos homens e combater o patriarcado vigente na sociedade, além de buscar a construção de uma cultura que seja inclusiva em relação aos desejos e propósitos das mulheres.

2.2 O sujeito homossexual e a origem da Teoria *Queer*

A origem da homossexualidade moderna, segundo Foucault (2017), é relativamente recente. O autor sugere que, a partir do século XIX, o sujeito que mantinha relações sexuais com pessoas do mesmo sexo passa a ser visto como “homossexual” e encorajado a também se ver de tal forma. Como vimos anteriormente, isso não significa que antes desse período não existissem sujeitos que se encaixassem nesta categoria, contudo, estes eram condenados pela Igreja e suas práticas eram consideradas “sodomia” e proibidas por lei.

A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida da prática da sodomia para uma espécie de androgenia interior um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 2017, p. 48).

O indivíduo homossexual passou a ser visto como um ser totalmente imbuído de sexualidade. “Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo, subjacente a todas as suas condutas” (FOUCAULT, 2017, p. 48). Apesar de serem reconhecidos em uma categoria diferente, o homossexual foi transformado em uma figura considerada anormal, que precisava de tratamento – uma aberração da norma heterossexual. Por consequência, estava sujeito à marginalização, à disciplina e aos efeitos do controle social.

A partir da construção dessa identidade, apesar de serem vistos como sujeitos aberrantes, os homossexuais encontram uma voz em comum ao serem postos em uma mesma categoria, e desse modo tornaram-se capazes de se afirmar. Sobre esse fato, Foucault (2017) afirma que:

[...] possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (FOUCAULT, 2017, p. 111).

Como alternativas à palavra “homossexual”, outros termos surgiram ao decorrer dos anos para definir o sujeito que não se encaixava nos padrões de gênero. Os termos “gay” e “lésbica” passaram a ser utilizados em meados do século XX, mais precisamente na década de 1960. Spargo (2017) afirma que a diferença destes para as categorias anteriores era que “em vez de serem colocados numa posição passiva de objetos do saber, os sujeitos identificados

como lésbicas ou gays estavam visivelmente escolhendo uma posição” (SPARGO, 2017, p. 25). Se encaixar nessa categoria passou a ser questão de orgulho e resistência, e não de patologia ou discrição. “Reconhecer-se nessa identidade é questão pessoal e política” (LOURO, 2004, p. 32).

Spargo (2017) cita que em meados dos anos 1970, o movimento de libertação gay visou transformar o sistema social dominante que era responsável por causar opressão, reivindicando uma mudança na sociedade. Esse grupo dedicava-se a conquistar direitos iguais e proteção legal, e também combater as imagens estereotipadas e homofóbicas difundidas na mídia, que prejudicavam a forma como eles eram enxergados. Esse movimento foi desencadeado principalmente pelo episódio ocorrido em junho de 1969 no Stonewall Inn, bar frequentado principalmente por gays, lésbicas, travestis e *drag queens*. A polícia de Nova York realizou uma batida no lugar e prendeu vários frequentadores, causando comoção e protestos nas ruas. Assim, o evento contribuiu para tornar o movimento de liberação gay mais público, ajudando, por conseguinte, a encorajar os membros da comunidade LGBTQ+ a afirmarem suas convicções.

Na década seguinte, nos anos 1980, algumas tensões entre gêneros e seus imperativos provocaram discussões dentro do movimento. Algumas lésbicas criticaram o masculinismo dentro da cultura gay, em que os homens eram privilegiados. Um modelo de lesbianidade que colocava a motivação política acima do desejo sexual foi criado por uma corrente do feminismo lésbico para combater tais adversidades.

Além disso, com o surgimento da AIDS, a comunidade se viu pressionada e ostracizada devido ao fato de a sociedade deturpar a doença como uma epidemia gay, ocasionando uma onda de homofobia. Os homens gays particularmente se viram no centro do debate da mídia, que, de forma sensacionalista os veiculava como principais portadores do vírus. A doença amedrontava a população devido à falta de informações, e também devido ao número de vítimas que desenvolviam um quadro irreversível em consequência da falta de tratamento, até que os antirretrovirais foram disponibilizados alguns anos depois. Miskolci (2012) descreve a epidemia tanto como um fato biológico quanto como uma construção social, além de ser compreendida como um castigo para os que não seguiam a ordem sexual tradicional.

Foi na década de 1990 que a palavra “*queer*” (utilizada principalmente nos discursos homofóbicos) passou a ganhar atenção, e foi adotada por alguns indivíduos que encontraram nela uma forma de substituir os termos que os caracterizavam, e que poderiam ser considerados restritivos para alguns por não se identificarem na categoria “homossexual”.

Nesse mesmo período, campanhas de conscientização contra a homofobia foram organizadas por alguns grupos, assim como patrulhas de rua para conter agressões contra gays, e, no âmbito da arte, vítimas da violência homofóbica foram homenageadas. Miskolci (2012) explica que o *queer* “busca tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e conversões culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos “normais” quanto dos “anormais” (MISKOLCI, 2012, p. 26).

A Teoria *Queer* surge então como fruto das teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que já investigavam a categoria do sujeito. Segundo Salih (2017), essa teoria busca investigar e desconstruir essa categoria, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e “generificadas”. A expressão “*queer*” constitui na apropriação de uma palavra que era usada para ofender e insultar pessoas que não se identificam com os padrões heteronormativos: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e outros grupos que não se adequam nas categorias de gênero padrão. É a celebração de um termo que soava publicamente como insulto, mas que pode identificar uma posição social, cultural e política.

Spargo (2017) descreve a Teoria *Queer* como um “acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual”.

O termo descreve uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas: interpretações da representação do desejo entre pessoas do mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análises das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos sobre identificação transexual e transgênero, sobre sadomasoquismo e sobre desejos transgressivos (SPARGO, 2017, p. 13).

O *queer* está ligado ao excêntrico, portanto, em desacordo com o que é considerado normal, que é a heterossexualidade dominante. Os estudos que postos em conjunto são chamados de Teoria *Queer* estão situados nos campos das humanidades, história, estudos literários e culturais e na filosofia. Essas vertentes do pensamento ocidental contemporâneo problematizaram, ao longo do século XX, noções de sujeito, de identidade, de agência e de identificação.

Além de permitir pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, a Teoria *Queer* também sugere novas maneiras de pensar a cultura, o poder e a educação. Como argumenta Silva (2010):

A teoria *queer* efetua uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria *queer* nos fazer pensar *queer* (homossexual, mas também “diferente”) e não *straight* (heterossexual, mas também “quadrado”): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável. [...] O *queer* se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. (SILVA, 2010, p 107).

Um dos primeiros temas explorados por esta teoria foi a oposição entre heterossexualidade e homossexualidade, que constitui o cerne de todos os discursos tradicionais. Na dicotomia apresentada, o termo homossexualidade parece um acréscimo ao que supostamente é original, a heterossexualidade. Desse modo, há uma visão de que a homossexualidade é um componente inferior, e não uma oposição igualitária ao termo que a contrasta. A heterossexualidade é tida como central, enquanto a homossexualidade ainda é considerada como marginal. Essa oposição binária não está presente apenas nos discursos homofóbicos, mas também nos que são favoráveis à homossexualidade. A lógica do binarismo elege uma ideia como principal e, a partir disto, encontra-se uma posição para o outro, que seria a de subordinado.

Para que se pudesse pôr um fim à lógica das oposições binárias, haveria de se planejar um processo que desestruturasse esses pares com o intuito de revertê-los; a desconstrução dos discursos poderia provocar a interdependência de ambos os pólos. Louro (2004) alega que para os teóricos/as *queer*, seria através desses procedimentos desconstrutivos que a oposição heterossexualidade/homossexualidade poderia ser abalada, de modo que não haveria mais uma categoria subordinada e outra dominante.

2.3 Entre o sexo e o gênero, a performance

Foucault (2017) faz uma análise da sexualidade em que afirma que o indivíduo não possui uma identidade inata, mas que é construído socialmente, como um produto da linguagem e dos discursos específicos associados a divisões do saber. A sexualidade é portanto um construto social, e a identidade sexual é percebida a partir de um conjunto de possibilidades determinadas por uma rede cultural de discursos.

O gênero, portanto, não é considerado uma extensão do sexo biológico, e sim uma prática discursiva. Lauretis (1994) define o termo “gênero” como a representação de pertencer

a um grupo, que constrói uma relação de inclusão e atribui um valor de entidade à pessoa. Dessa forma, a categoria gênero representa uma relação social e não somente um indivíduo.

O sistema de sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade (LAURETIS, 1994, p. 212).

Esta prática discursiva está atualmente estruturada em torno do conceito da heterossexualidade como norma e padrão para as relações humanas. Os tabus ligados à homossexualidade fazem como que a heterossexualidade compulsória se instale e haja a crença de que exista uma coerência entre os gêneros ligada pelos sexos biológicos. Butler (2017) declara que não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero, isto é, que alguém que seja cromossomicamente definido como fêmea pode apresentar características masculinas e vice-versa. Assim sendo, uma mulher pode apresentar traços que são socialmente atribuídos aos homens, bem como se identificar com o gênero oposto, assim como é possível acontecer o contrário. “[...] Por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2017, p. 26). Corroborando com essas ideias, Miskolci (2012) afirma que:

A Teoria Queer lida com o gênero como algo cultural, assim, o masculino e o feminino estão em homens e mulheres, nos dois. Cada um de nós – homem ou mulher – tem gestuais, formas de fazer e pensar que a sociedade pode qualificar como masculinos ou femininos independentemente do nosso sexo biológico. No fundo, o gênero é relacionado a normas e convenções culturais que variam no tempo e de sociedade para sociedade (MISKOLCI, 2012, p. 31).

Louro (2004) observa que, desde o momento do anúncio do sexo biológico de uma criança, instala-se um processo que, baseando-se em características físicas que são tidas como diferenças essenciais, posiciona o indivíduo a seguir uma determinada direção, e a ele são atribuídos significados culturais. Esse processo compromete o sujeito a um ato de masculinização ou feminilização, de maneira que se vê obrigado a obedecer às normas que regulam a cultura, pois é suposto que o sexo a precede, bem como opera como determinante de gênero. Não é simplesmente um enunciado constativo, mas sim uma atribuição a um corpo que não existe fora do discurso. Conforme afirma Butler (1993):

Na medida em que a nomeação da “menina” é transitiva, isto é, em que ela inicia o processo pelo qual é imposto um certo “tornar-se menina”, o termo ou, mais precisamente, o seu poder simbólico, determina a formação de uma feminilidade corporalmente encenada que nunca preenche plenamente a norma. Essa é, entretanto, uma “menina” que está obrigada a “citar” a norma para se qualificar e se manter como um sujeito viável. A feminilidade não é, então, a consequência de uma escolha, mas a citação forçada de uma norma, cuja complexa historicidade é indissociável de relações de disciplina, regulação, punição¹⁰ (BUTLER, 1993, p. 232, tradução nossa).

Beauvoir (2009) afirma que não se nasce, mas se torna mulher, sendo, portanto, algo construído que não possui origem ou fim, um processo de ressignificação constante que não é cristalizado. De acordo com os pensamentos da autora, o gênero é algo que “fazemos” e não algo que “somos”. Como colocado por ela: “Assim como não basta dizer que a mulher é uma fêmea, não se pode defini-la pela consciência que tem de sua feminilidade; toma consciência desta no seio da sociedade de que é membro” (BEAUVOIR, 2009, p. 67). Como um ser social, a identificação com o gênero é obtida através do que é observado, portanto, não pode ser considerada naturalizada ou inata.

Conforme aponta Butler (2017), o efeito do gênero é criado a partir da repetição estilizada de atos corporais, gestos e movimentos específicos. Ela descreve o gênero como um ato ou sequência de atos que está sempre e inevitavelmente ocorrendo, visto que não é possível existir como um agente social fora dos termos de gênero. Assim, corpos, sexualidades e gêneros são entendidos como construções sociais e históricas marcadas pelas relações de poder, sempre relacionadas ao contexto em que estão estabelecidas.

Como em outros dramas sociais rituais a ação do gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação (BUTLER, 2017, p. 242).

O conceito de performatividade descrito por Butler (2017) é tomado de empréstimo da linguística, e defende que a linguagem referente aos corpos é responsável por nomeá-los, construí-los e produzi-los. “As identidades de gênero são construídas e constituídas pela

¹⁰ No original: “To the extent that the naming of the “girl” is transitive, that is, initiates the process by which a certain “girling” is compelled, the term or, rather, its symbolic power, governs the formation of a corporeally enacted femininity that never fully approximates the norm. This is a “girl,” however, who is compelled to “cite” the norm in order to qualify and remain a viable subject. Femininity is thus not the product of a choice, but the forcible citation of a norm, one whose complex historicity is indissociable from relations of discipline, regulation, punishment” (BUTLER, 1993, p. 232).

linguagem, o que significa que não há identidade de gênero que preceda a linguagem” (SALIH, 2017, p. 91). Os sujeitos são efeitos do discurso, pois não existe um “eu” fora da linguagem.

O sujeito construído pelos atos que executa através do discurso é portanto um construto performativo. As atitudes e comportamentos são definidoras de como esse sujeito é enxergado pelos outros e também por si mesmo. Butler (2017) argumenta que a identidade é “encenada” de acordo com as escolhas e com as vivências trazidas, de maneira a caracterizar o sujeito de acordo com todo o processo já experienciado por ele.

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem-sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (BUTLER, 2017, p. 69).

As identidades de gênero só são possíveis de serem alcançadas pelos padrões comportamentais que as sustentam. As formas de conduta são possibilitadas pelas que já estão enraizadas na cultura, e dessa forma torna-se possível desempenhar certos tipos de atitude. As categorias “homem”, “mulher”, “macho” e “fêmea” são discursivamente construídas no interior de uma matriz heterossexual de poder, não havendo uma posição de liberdade que seja expressa para além do discurso. Os gêneros e os sexos são “feitos” no interior dessa matriz, mas ainda assim é possível fazer essas construções de maneira diferente.

Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos, e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões. É em referência a ela que se fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem (LOURO, 2004, p. 17).

Essas normas regulatórias têm o poder de repetir e reiterar os princípios dos gêneros pela ótica heterossexual. Apesar de normalmente esperar-se que sejam repetidas, elas podem ser deslocadas e desestabilizadas por sujeitos que são considerados desviantes, pois não permitem se conformar ao sistema da heterossexualidade compulsória e naturalizada. Estes indivíduos ampliam as possibilidades de ser e de viver, e desafiam os limites propostos pelas regras da matriz que rege a heterossexualidade como padrão.

É inerente à cultura a premissa de que determinado sexo indica determinado gênero, e de que esses também indicam o desejo sexual. O sexo, sendo anterior à cultura, impõe limites à concepção de gênero e sexualidade. Ao se equacionar a natureza com a heterossexualidade, essa última passa a ser exigida como forma compulsória de sexualidade. A partir dessa lógica, os sujeitos que não se encaixam nesse padrão são colocados às margens, e passam a ser designados como minoritários: “os sujeitos que, por qualquer razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência serão tomados como “minoria” (LOURO, 2004, p. 66).

A identidade sexual, portanto, é dita e feita na cultura. Os corpos carregam discursos que fazem com que alguns aspectos se convertam em definidores de gênero e sexualidade, e, conseqüentemente, em determinadores dos sujeitos. A partir da concepção binária do sexo como base, compreende-se que as transgressões e as subversões ao sexo, gênero e sexualidade podem ser colocadas na categoria do incompreensível e do patológico. Para manter essas normas regulatórias (que são invenções sociais), diversas instâncias atuam como proibitivas e censuradoras, como as famílias, as escolas, as igrejas e as próprias leis. Mesmo com todo o empenho em instituí-las, os corpos continuam se alterando, tanto na aparência, quanto no seu funcionamento, e as marcas de gênero e sexualidade também mudam. Esses esforços, portanto, também são constantemente renovados para manter essa ordem.

Os sujeitos que de algum modo violam as fronteiras de gênero ou de sexualidade são postos como diferentes ou desviantes. É comum que experimentem o desprezo ou a subordinação, e muitas vezes para serem aturados pelos que se encaixam nos padrões, precisam encontrar seus próprios espaços restritos e somente neles podem demonstrar sua verdadeira identidade. Por não obedecerem e se ajustarem às normas, são considerados transgressores e pecadores, e, por isso, podem ser enxergados como indivíduos que precisam de recuperação ou cura, e que precisam ser reeducados por sofrerem “desordem” psicológica ou por terem famílias “desequilibradas”, segundo a concepção da sociedade. Não é o sujeito quem decide sobre qual papel irá assumir no que diz respeito à sua sexualidade, e sim as normas regulatórias que definem e perpassam de forma compulsória, a heterossexualidade. Apesar de esse padrão ser estabelecido, ainda é permitido que os corpos que não se adequam sejam produzidos, mesmo que não se ajustem. Tais características podem ser observadas no comportamento de personagens do romance *Oranges are not the only fruit* (1985), da escritora britânica Jeanette Winterson, a ser analisado no capítulo subsequente.

3. ENTRE O AMOR E A MORAL, A PAIXÃO: UMA LEITURA DE *ORANGES ARE NOT THE ONLY FRUIT*, DE JEANETTE WINTERSON

3.1 Quando a realidade anuncia a ficção: Jeanette Winterson e sua obra de estreia

Nascida em Manchester, na Inglaterra, no ano de 1959, Jeanette Winterson foi criada por pais adotivos. Seu primeiro romance, *Oranges are not the only fruit*, foi publicado em 1985. Naquele momento, ainda era uma figura desconhecida, tanto para a crítica quanto para o público geral. No entanto, o título em questão rapidamente tornou-se um sucesso, ganhando, por exemplo, o importante prêmio Whitbread de melhor romance de estreia, o que lhe trouxe notoriedade. O livro foi publicado por uma grande editora, a Pandora Press, em grande parte, graças aos movimentos em prol da equidade de gênero que eclodiram nas décadas de 1960 e 1970, promovendo mutações na escrita feminista e uma consequente demanda por livros de autoria feminina. Winterson é notadamente influenciada pelo feminismo em suas obras. Onega (2006) afirma que a crítica acadêmica a classifica como uma escritora pós-moderna, e é constantemente rotulada como autora de ficção lésbica, no entanto, a autora de *Oranges are not the only fruit* rejeita esses rótulos, especialmente o que a coloca na posição de autora lésbica, e prefere ser chamada simplesmente de “escritora”, da mesma forma como, segundo ela, os homens são habitualmente classificados.

Oranges are not the only fruit é um romance semiautobiográfico, em que a vida da protagonista, também Jeanette, é narrada desde a infância na Inglaterra da década de 1960 até o final da década seguinte. Podemos atestar que a vida de Winterson serviu como pano de fundo para a narrativa, pois há diversos fatos biográficos que ligam aos eventos envolvendo a personagem principal do livro. Além de ser filha adotiva, a personagem central do romance, que se identifica como uma mulher lésbica, é criada por pais cristãos que esperavam que ela seguisse seus mesmos preceitos. A trama foca primordialmente na infância e adolescência da personagem Jeanette, particularmente seus relacionamentos afetivos e na relação com sua mãe, Louie, que é membro da Igreja Evangélica Pentecostal e a educa de modo a exercer a fé tão vigorosamente quanto ela.

Em sua autobiografia *Por que ser feliz quando se pode ser normal?*, lançada originalmente no ano de 2011, Winterson explica que *Oranges are not the only fruit* é uma versão “atenuada” de sua vida. A autora afirma que escreveu uma história com a qual poderia conviver, pois a “original” era muito dolorosa. Efetivamente, Winterson teve uma infância conturbada, pois sua mãe não demonstrava afeto e nem tampouco tinha uma personalidade

acolhedora. A mãe passava horas lendo sobre o Apocalipse, com a esperança de que chegasse o fim dos tempos, de forma que sua própria vida teria um fim. A autora acredita que ela fosse bastante infeliz, e afirma que sua única perspectiva era o Armagedom, momento que haveria uma batalha final entre o céu e a terra e os que se salvassem viveriam na eternidade com Jesus.

O enredo principal de *Oranges are not the only fruit* desenrola-se em forma de *Bildungsroman*, sendo narrado pela protagonista, que é uma mulher na fase adulta, recontando fatos sobre sua trajetória desde a infância. A narradora-personagem rememora os acontecimentos vividos de acordo com a sua própria perspectiva enquanto criança e, ao decorrer do texto, testemunhamos o seu contínuo processo de amadurecimento, emocional e intelectual. Jeanette descreve a evolução do seu aprendizado pessoal e da sua autodescoberta, passando por diferentes estágios da vida até reconhecer seus sentimentos por outras mulheres. Isto a faz assumir uma postura contrária aos ditames do patriarcado, que é visível principalmente através das atitudes de sua mãe e dos dogmas da Igreja.

A busca da protagonista por compreender a sua identidade sexual é um dos principais pontos do texto. As relações afetivas entre mulheres percorrem toda a sua história e a repulsa pela ideia de relacionar-se e casar-se com indivíduos do gênero masculino é recorrente. Desde a infância, a personagem tem conhecimento sobre “paixões antinaturais”¹¹ entre alguns membros de sua comunidade. Durante seu processo de crescimento, o despertar da sua própria paixão por outras mulheres instiga sua curiosidade sobre o assunto, impelindo-a numa jornada subjetiva de autoconhecimento e autoaceitação.

De acordo com Hinds (1995), grande parte dos críticos concordaram que o livro foi um célebre romance de estreia. Sua qualidade literária também foi amplamente reconhecida pela imprensa em geral:

Na imprensa convencional e alternativa, palavras como “brilhante”, “muito bem escrito”, “decididamente grandioso em sua originalidade” e “comovente” se repetem. Os críticos ficaram encantados com o humor, que foi proclamado como “peculiar” e “excêntrico”, e aclamaram Winterson como um “talento a ser observado”. Poucos críticos, confessadamente, não foram inequívocos em seus elogios, reclamando de “momentos totalmente rotineiros”, que o romance se tornou “estridente”, tinha “o ritmo superficialmente moderno de um vídeo pop”, ou desviou para “perigosamente similar a registros indulgentes de um diário do ensino

¹¹ Termo utilizado no romance pela comunidade pentecostal para corresponder a relacionamentos homoafetivos.

médio”. As primeiras impressões, no entanto, geralmente foram extremamente positivas¹² (HINDS, 1995, p. 30, tradução nossa).

O ambiente do romance é permeado por ideais feministas e por ideologias religiosas. O poder da Igreja como instituição é evidenciado principalmente quando a homossexualidade de Jeanette é descoberta e vista como um “trabalho do demônio”. Ela se sente rejeitada, porém encontra meios de se libertar da intolerância que é imposta sobre ela. A protagonista demonstra valentia apesar da concepção patriarcal da Igreja. Além da Igreja, a família é a principal instituição que exerce poder sobre a personagem, particularmente pelo fato de sua mãe ser completamente influenciada pelo próprio discurso religioso.

Alguns críticos, como aponta Makinen (2005), viram na narrativa uma forma de incluir o leitor a partir de um ponto vista lésbico, empregando principalmente o humor como ferramenta para alcançar seu propósito. Ainda segundo a referida autora, o bom recebimento do enredo de *Oranges are not the only fruit* também se deu pelo fato deste apresentar experiências que mostram claramente os motivos que fizeram Jeanette abandonar a comunidade religiosa em que estava inserida. O texto adota um tom mais sério quando a personagem descobre sua homossexualidade, fato que acontece logo após o momento de transição de sua infância para adolescência.

Além da história principal contada pelo narrador autodiegético, a obra contém textos paralelos, narrados em terceira pessoa, que fazem referência à tradição dos contos de fadas, e se relacionam com os episódios vividos por Jeanette em determinados momentos da narrativa. Van der Wiel (2014) afirma que essa foi uma tentativa bem-sucedida da autora de se libertar da história que a sra. Winterson e a Igreja haviam escolhido para ela - a da missionária heterossexual - e das consequências de sua recusa a esse papel. De acordo com Makinen (2005) essas narrativas proporcionam uma leitura mais complexa acerca da identidade da protagonista:

As narrativas de realidade/fantasia, história/contação de histórias coexistem e permitem que o romance dê um relato mais complexo da vida da protagonista, capaz de incorporar tanto o dia-a-dia quanto as fantasias aprendidas de sua mãe ou de seus sonhos. Contar histórias ajuda-a, e ao leitor, a compreender o mundo em sua complexidade e fluidez e a rejeitar as

¹² No original: “In the mainstream and alternative presses, words like ‘brilliant’, ‘beautifully written’, ‘decidedly imposing in [its] originality’, and ‘moving’ recur. Critics delighted in its humour, decided it was ‘quirky’ and ‘eccentric’, and proclaimed Winterson a ‘talent to watch’. A few reviewers, admittedly, were not unequivocal in their praise, complaining of ‘utterly routine moments’, that the novel became ‘shrill’, had ‘the superficially modern pace of a pop video’, or veered ‘dangerously close to indulgent high-school diary entries’. First impressions, however, were generally extremely positive” (HINDS, 1995, p. 30).

“categorias totalizantes e absolutistas da verdade e da falsidade, do bem e do mal”¹³ (MAKINEN, 2005, p. 39, tradução nossa).

Referências bíblicas também aparecem durante todo o texto. Além da igreja enquanto templo ser um dos principais ambientes do romance, a maioria de seus personagens também é devoto da fé pentecostal. Os títulos dos capítulos da obra fazem alusão ao Octateuco, que concerne aos oito primeiros livros do Antigo Testamento da Bíblia: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy, Joshua, Judges e Ruth (em português, Gênesis, Êxodo, Levítico, Deuteronômio, Números, Josué, Juízes e Rute, respectivamente). Winterson brinca com esses títulos de maneira que cada um dos capítulos de *Oranges are not the only fruit* relacionam-se com o tema principal desses livros bíblicos, narrando a história de uma personagem lésbica - sexualidade subversiva para os padrões do cristianismo. Winterson se utiliza dessa intertextualidade com a Bíblia como uma forma pós-moderna de paródia, fazendo alusões das histórias originais com a vida da protagonista:

O contraste entre o material bíblico e a experiência vivida da personagem coloca Jeanette contra a tradição que ela narra, mas a ocorrência dessa narração dentro de capítulos nomeados como livros bíblicos reitera o significado que a Bíblia teve para ela dentro desse contraste. A presença de material bíblico, portanto, constitui nem tanto uma zombaria, que tem sido frequentemente associada à paródia, mas de modo que faz um pastiche, uma mistura não satírica de história e ficção dentro dos domínios problemáticos da autobiografia, do conto de fadas e da narrativa bíblica - gêneros que tipificam a abordagem "cama de gato", descreve Winterson¹⁴ (BOLLINGER, 1994, p. 376-377, tradução nossa).

A obra foi adaptada por Jeanette Winterson para a televisão, em forma de uma minissérie dividida em três capítulos, e exibida em janeiro de 1990 pela BBC no Reino Unido. Antes de sua exibição, a emissora tomou a precaução de exibir prévias que mostrassem com clareza a natureza explícita de algumas cenas relacionadas à homossexualidade feminina para que o público não se surpreendesse, devido ao

¹³ No original: “The reality/fantasy, history/story-telling narratives coexist and allow the novel to give a more complex account of the protagonist’s life which is able to incorporate both the day-to-day and the fantasies learnt from her mother or from her dreams. Telling stories helps her, and the reader, to comprehend the world in its complexity and fluidity and to reject the ‘totalizing and absolutist categories of truth and falsehood, of good and evil’” (MAKINEN, 2005, p. 39).

¹⁴ No original: “The contrast between the Biblical material and the character’s lived experience places Jeanette against the tradition that she narrates, but the occurrence of this narration within chapters named for Biblical books reiterates the significance the Bible has had for her within that contrast. The presence of Biblical material, then, constitutes not so much a mockery, which has often been associated with parody, as it does a pastiche, an unsatirical blend of history and story within the problematic realms of autobiography, fairy tale, and Biblical narrative – genres that typify the ‘cat’s cradle’ approach Winterson describes” (BOLLINGER, 1994, p. 376-377).

conservadorismo de parte da audiência. Hinds (1995) afirma que a autora chegou a sugerir que a lesbianidade poderia gerar controvérsia entre os espectadores por causa da facilidade de simpatizar com a personagem principal e torcer por ela, pois o lado que a oprimia, que é onde a maioria das pessoas se encaixavam, seria muito difícil de ser estimado pelo público. Hallam e Marshment (1995) classificam a versão televisiva como uma produção feminista de sucesso, pois envolveu silenciosamente questões feministas do poder e da identidade das mulheres e mostrou a lesbianidade como algo natural de um modo que desafiou as atitudes homofóbicas. A adaptação de *Oranges are not the only fruit* levou a obra a um público maior, foi bastante aclamada, e chegou a receber o prêmio BAFTA em 1991 por melhor série de drama.

3.2 Frutas, sexo e dever: Jeanette e a figura materna

Desde sua adoção, Jeanette é treinada por sua mãe para ser missionária, o que a faz acreditar que foi destinada a exercer tal função. Mesmo antes de conhecê-la, os objetivos de Louie para a criança que adotaria eram os de dedicá-la ao trabalho da igreja. Ela a descreve como “uma criança missionária, uma serva de Deus, uma benção”¹⁵ (WINTERSON, 1985, p. 9, tradução nossa). A educação de Jeanette inicia-se baseada nos ensinamentos da Bíblia. Louie a ensina a ler a através das escrituras e a instrui a partir de seus preceitos: “Foi assim que comecei minha educação: ela me ensinou a ler o livro de Deuteronômio e contou-me tudo sobre a vida dos santos, como eles eram realmente iníquos e se davam a desejos inomináveis”¹⁶ (WINTERSON, 1985, p. 16, tradução nossa). O fanatismo religioso de Louie é algo que influencia diretamente a personalidade de Jeanette e a formação de sua identidade. Ela é um sujeito que incorpora a instituição da Igreja, de forma que utiliza a religião como guia para definir o que é certo e o que é errado e, consequentemente, como determinante comportamental.

A mãe é caracterizada como uma figura autoritária e difícil de lidar, ao contrário de seu pai, que é apresentado como um homem muito tranquilo. De início, o nome da personagem não é explicitado, o que de certa forma diminui sua individualidade e a resume ao papel de mãe dominadora. Apenas em meados do enredo seu nome (Louie) é mencionado durante um diálogo, porém de forma bastante sutil, e aparece somente duas vezes durante toda a narrativa. O pai não possui voz, sempre estando em segundo plano, e em sua casa a mãe

¹⁵ No original: “a missionary child, a servant of God, a blessing”. (WINTERSON, 1985, p. 9)

¹⁶ No original: “It was in this way that I began my education: she taught me to read from the Book of Deuteronomy, and she told me all about the lives of the saints, how they were really wicked, and given to nameless desires” (WINTERSON, 1985, p. 16).

exerce um papel de soberania. Jeanette cresce em um lar que foge das convenções sociais da família patriarcal, pois seu pai não exerce a função de chefe em sua casa. Mesmo tendo uma mulher como a figura principal em sua família, ainda assim é dominada pelo patriarcalismo presente nos discursos religiosos.

O sexo é interpretado como algo completamente abjeto por parte de Louie, de maneira que chega a classificar o ato sexual como “inimigo”. Ela e o marido não mantêm relações sexuais e nunca compartilham a cama nos mesmos momentos. A adoção de Jeanette aconteceu porque sua mãe desejava um filho, mas não queria concebê-lo de forma natural: “Ela tinha uma atitude misteriosa em relação à geração de filhos; não era que ela não pudesse fazê-los, era que ela não queria fazer. Ela nutria um rancor pela Virgem Maria ter conquistado isso primeiro. Então ela fez a melhor coisa e arranhou um enjeitado. Era eu”¹⁷ (WINTERSON, 1985, p. 1-2, tradução nossa). Seguindo suas convicções, ela ensina a Jeanette a se comportar da mesma maneira e não praticar relações sexuais, aconselhando-a a não permitir que a toquem em suas partes íntimas: “‘Não deixe ninguém te tocar lá embaixo’, e ela apontou para algum lugar no nível do bolso do avental. ‘Não, mãe’, eu disse docilmente e fui embora”¹⁸ (WINTERSON, 1985, p. 91, tradução nossa).

Na história, há pequenos indícios de que ela mesma poderia ser uma mulher que tivesse desejos sexuais por outras e que não aceitasse sua própria orientação. Em uma passagem, Louie conta a Jeanette os motivos que a levaram a se casar com seu pai. Ela narra que dentre vários homens rebeldes, ela escolheu um que fosse “apenas um viciado em jogos”. Através de algumas fotos antigas, ela apresenta pessoas com quem ela conviveu na juventude, entre elas, alguns desse homens. Quando questionada a respeito de uma das fotos em particular, na qual está representada uma mulher, ela responde laconicamente e a esconde: “[...] bem no final da página havia uma foto amarelada de uma mulher bonita segurando um gato. ‘Quem é essa?’ Eu apontei. ‘Essa? Ah, só a irmã de Eddy, não sei por que a coloquei aí’ - e ela virou a página. Da próxima vez que nós olhamos, havia sumido”¹⁹ (WINTERSON, 1985, p. 37, tradução nossa). Além disso, em outra passagem, Miss Jewsbury, uma

¹⁷ No original: “She had a mysterious attitude towards the begetting of children; it wasn't that she couldn't do it, more that she didn't want to do it. She was very bitter about the Virgin Mary getting there first. So she did the next best thing and arranged for a foundling. That was me” (WINTERSON, 1985, p. 1-2).

¹⁸ No original: “‘Don't let anyone touch you Down There,’ and she pointed to somewhere at the level of her apron pocket.

‘No Mother,’ I said meekly, and fled” (WINTERSON, 1985, p. 91).

¹⁹ No original: “[...] right at the bottom of the page was a yellowy picture of a pretty woman holding a cat. ‘Who's that?’ I pointed.

‘That? Oh just Eddy's sister, I don't know why I put it there,’ and she turned the page. Next time we looked, it had gone” (WINTERSON, 1985, p. 37).

frequentadora da mesma igreja, que também é lésbica, afirma a Jeanette que Louie não é tão imaculada como afirma ser: “Ela é uma mulher do mundo, mesmo que ela nunca tenha admitido isso para mim. Ela conhece sentimentos, especialmente sentimentos de mulheres”²⁰ (WINTERSON, 1985, p. 106, tradução nossa). A partir desse contexto, é possível inferir que sua preocupação com a sexualidade de Jeanette seja um espelho do que ela sentia em relação a si própria, porém reprimia devido às suas crenças. Essa é uma realidade que remonta ao próprio alvorecer da fé cristã, que, conforme os comentários de Stearns (2010), desenhou uma concepção bastante particular do sexo, reduzindo-o a sua dimensão meramente biológica (isto é, a perpetuação da espécie). Justamente por não cumprir com o imperativo da procriação, a homossexualidade²¹ era amplamente condenada.

É perceptível a perturbação da mãe com a falta de feminilidade de Jeanette. Isso fica evidente no episódio em que ela a leva para comprar um casaco completamente rosa, objeto que ela então rejeita, afirmando que o tamanho é muito grande. A cor faz alusão a um estereótipo de feminilidade que está muito presente na cultura ocidental. Tal rotulação se faz notar desde o nascimento de meninas, e é comumente utilizado como determinadora e reforçadora de papéis de gênero tradicionais, em concordância com o que foi dito por Butler (1993), que a feminilidade é a citação forçada de uma norma. Jeanette descreve ter sentido uma profunda infelicidade nesse episódio, como se estivesse usando uma máscara que escondesse quem ela realmente era. Em outra ocasião, a mãe ainda acusa Jeanette de imitar os homens quando fala sobre os sentimentos dela por outras mulheres:

[...] Se eu estivesse imitando homens, ela teria todos os motivos para estar enojada. Até onde eu sabia, homens eram algo que você tinha por perto, não particularmente atraentes, mas bastante inofensivos. Eu nunca tinha mostrado o menor sentimento por eles, e, além de nunca ter usado uma saia, não via mais nada em comum entre nós²² (WINTERSON, 1985, p. 129, tradução nossa).

O juízo que a mãe faz de Jeanette muito se deve às preconcepções acerca dos papéis de gênero que permeavam o seu círculo social, e que cumpriam um papel determinante, porém

²⁰ No original: “She’s a woman of the world, even though she’d never admit it to me. She knows about feelings, especially women’s feelings” (WINTERSON, 1985, p. 106).

²¹ Temos ciência do fato de que a homossexualidade, como identidade sexual possível, é uma construção originária do século XIX (FOUCAULT, 2017). Antes disso, eram as práticas (fornicação, masturbação, sodomia etc.) e não as identidades sexuais que hoje associamos a elas que eram efetivamente proibidas pelo cristianismo. O termo homossexualidade está sendo utilizado, neste caso, por referir-se a um cenário moderno.

²² No original: “[...] if I was aping men she’d have every reason to be disgusted. As far as I was concerned men were something you had around the place, not particularly interesting, but quite harmless. I had never shown the slightest feeling for them, and apart from my never wearing a skirt, saw nothing else in common between us” (WINTERSON, 1985, p. 129).

não único, na construção de identidades sexuais. Apesar de se identificar como indivíduo do gênero feminino, ela acredita que, pelo fato de a garota não se comportar “como mulher”, tanto no que diz respeito à sua aparência quanto pela sua orientação sexual, isso a colocaria em uma categoria masculinizada, que caberia apenas aos homens.

Em alguns momentos da diegese, Jeanette fala sobre casamento e sua aversão ao assunto. Ela não tem exemplos positivos das relações maritais que vê em sua comunidade, e enxerga alguns homens como animais, principalmente como “bestas”. Ainda criança, há um momento em que uma cigana lê sua mão e afirma que ela nunca irá se casar. Ela não se importa, pois não é algo que ela desejasse. Como exemplo, ela cita seu pensamento em relação a um pastor que visita sua igreja e o seu modo de ver os homens:

Fiquei para trás, pensando no pastor Finch e no quanto ele era horrível. Seus dentes eram tortos, e sua voz era aguda, embora ele tentasse torná-la forte e firme. Pobre sra. Finch. Como ela vivia com ele? Então me lembrei da cigana. “Você nunca vai se casar”. Isso pode não ser tão ruim assim afinal de contas²³ (WINTERSON, 1985, p. 13-14, tradução nossa).

Em outra situação, já adolescente, Jeanette passa a ter sonhos recorrentes com o matrimônio, chegando a se ver casando com diferentes personalidades, entre elas: um homem cego, um porco, sua própria mãe, o homem do correio, e também com um terno vazio. Ela menciona a fala de uma mulher de sua rua que proclama que é casada “com um porco”. Depois disso, ela passa a observá-lo com essa lente deturpada, bem como a outros homens, e não consegue ter uma imagem diferente deles. Esses são alguns sinais de que a garota não sente atração pela figura masculina mesmo antes de demonstrar seu interesse por mulheres.

Não há dúvida de que aquela mulher havia descoberto na vida o que eu havia descoberto em meus sonhos. Ela havia se casado inadvertidamente com um porco.

Fiquei de olho nele depois disso. Era difícil dizer que ele era um porco. Ele era inteligente, mas seus olhos eram juntos, e sua pele rosa brilhante. Eu tentei imaginá-lo sem suas roupas. Horrível.

Outros homens que eu conhecia não eram muito melhores. O homem que cuidava dos correios era careca e reluzente, com as mãos gordas demais para enfiar em potes de doce²⁴ (WINTERSON, 1985, p. 71-72, tradução nossa).

²³ No original: “I lagged behind, thinking about Pastor Finch and how horrible he was. His teeth stuck out, and his voice was squeaky, even though he tried to make it deep and stern. Poor Mrs Finch. How did she live with him? Then I remembered the gypsy. ‘You’ll never marry.’ That might not be such a bad thing after all” (WINTERSON, 1985, p. 13-14).

²⁴ No original: “No doubt that woman had discovered in life what I had discovered in my dreams. She had unwittingly married a pig.

I kept watch on him after that. It was hard to tell he was a pig. He was clever, but his eyes were close together, and his skin bright pink. I tried to imagine him without his clothes on. Horrid.

A alusão a relacionamentos entre mulheres aparece ainda na infância da protagonista. Havia duas mulheres que trabalhavam em uma papelaria que ela frequentava, que não tinham maridos e que a tratavam de maneira bastante amigável. Sua mãe a proíbe de visitar a loja após elas convidarem Jeanette para passear no litoral. Após algumas semanas, a menina a escuta dizendo que elas lidavam com “paixões antinaturais”, expressão essa que Jeanette, em sua inocência, não chega a compreender por completo. Anos mais tarde, quando ela começa a refletir sobre a condição das mulheres que casavam com homens que mais pareciam “bestas” do que humanos, ela pensa na possibilidade de duas pessoas do mesmo sexo se casarem, mas ainda acha improvável devido à impossibilidade de se reproduzirem: “Havia muitas mulheres e a maioria delas se casaram. Se elas não pudessem se casar umas com as outras, e eu não achava que elas pudessem, em razão de ter bebês, algumas inevitavelmente teriam que se casar com bestas”²⁵ (WINTERSON, 1985, p. 74, tradução nossa). O construto social em que a personagem está inserida a influencia a acreditar nas normas regulatórias que definem a heterossexualidade como padrão, portanto, a princípio, imaginar duas pessoas do mesmo gênero se relacionando não faz sentido para ela.

O círculo social da protagonista é composto por mulheres fortes que são modelos de independência, enquanto os homens geralmente aparecem com uma imagem negativa. Os modelos dos casais heterossexuais retratados não são satisfatórios, pois aparentemente não trazem felicidade aos cônjuges, por conseguinte, não despertam o interesse de Jeanette em se envolver romanticamente com homens. Ela chega a crer que algum dia poderia se apaixonar por algum homem, porém sua aversão a eles a leva a perceber no corpo feminino uma possibilidade capaz de satisfazê-la sexualmente e afetivamente: “Foi bom que eu estivesse destinada a ser missionária. Por algum tempo depois disso, deixei de lado o problema com os homens e me concentrei em ler a Bíblia. Eventualmente, pensei, vou me apaixonar como todo mundo. Então, alguns anos depois, por engano, me apaixonei”²⁶ (WINTERSON, 1985, p. 78, tradução nossa). O fato de não conhecer exemplos positivos de relacionamentos heterossexuais leva a personagem a encarar o relacionamento homoafetivo como algo natural,

Other men I knew weren't much better. The man who ran the post office was bald and shiny with hands too fat for the sweet jars” (WINTERSON, 1985, p. 71-72).

²⁵ No original: “There were a lot of women, and most of them got married. If they couldn't marry each other, and I didn't think they could, because of having babies, some of them would inevitably have to marry beasts” (WINTERSON, 1985, p. 74).

²⁶ No original: “It was a good thing I was destined to become a missionary. For some time after this I put aside the problem of men and concentrated on reading the Bible. Eventually, I thought, I'll fall in love like everybody else. Then some years later, quite by mistake, I did” (WINTERSON, 1985, p. 78).

e é apenas devido a pressão da Igreja que ela é colocada em uma posição discrepante a essa concepção. Tal situação será explicitada na subseção seguinte.

3.3 Jeanette e Melanie ou quando a fé amordaça o amor

A primeira evidência da atração sexual de Jeanette por outras mulheres se dá quando ela conhece Melanie, uma jovem que trabalha em uma barraca de peixes no centro da cidade, que rapidamente torna-se sua amiga. Jeanette fica tão encantada pela garota, que fica feliz só de ficar perto dela e observá-la. Desde o início da amizade entre elas, Jeanette torna evidente toda a sua bagagem religiosa e, com isso, a convida para frequentar sua igreja. Melanie decide tornar-se membro efetivo e seguir os princípios religiosos, de modo que pede a Jeanette para ser sua conselheira, ajudando-a a conhecer mais sobre a Bíblia e sobre a fé como um todo. Esse é o principal motivo que faz com que elas passem a ficar juntas por longos períodos de tempo.

O significado do nome de Melanie remete à fruta melão: “‘Melanie’, arranjei coragem para perguntar, ‘por que você tem um nome tão engraçado?’ Ela corou. ‘Quando eu nasci, parecia um melão’”²⁷ (WINTERSON, 1985, p. 86, tradução nossa). Desde o título da obra, *Oranges are not the only fruit*, a imagem das frutas é utilizada como metáfora da plasticidade inerente à sexualidade humana, na medida em que aponta para a possibilidade de haver outros caminhos além da heterossexualidade compulsória. Entretanto, a ideia de que “laranjas são a única fruta” aparece frequentemente durante a narrativa, especialmente no discurso da mãe de Jeanette. Isso se explica pelo fato dela reproduzir o código de conduta determinado pela Igreja. A mãe oferece laranjas para Jeanette, principalmente em momentos que ela se sente vulnerável. Nesse sentido, o surgimento de Melanie, e a referência que seu nome faz a outra fruta, é uma maneira de simbolizar a possibilidade de um caminho alternativo que Jeanette não conhecia anteriormente.

A mãe desconfia da amizade entre Jeanette e Melanie devido ao frequente contato entre elas, e também porque até aquele então sua filha não tinha amigos de sua própria idade (sua única amiga era Elsie, uma senhora de sua igreja). Além disso, a garota passa a falar sobre Melanie constantemente, afirmando tratar-se de uma forma de afeto que não havia vivenciado antes: “Fiquei muito feliz. Ela era minha amiga e eu não estava acostumada com isso além de Elsie. De alguma forma era diferente. Eu falava dela o tempo todo em casa, mas

²⁷ No original: “‘Melanie,’ I plucked up courage to ask at last, ‘why do you have such a funny name?’ She blushed. ‘When I was born I looked like a melon’” (WINTERSON, 1985, p. 86).

minha mãe nunca respondia”²⁸ (WINTERSON, 1985, p. 89). Ela percebe que o sentimento que nutre por Melanie não era igual ao que possuía por outras pessoas. Louie também nota que havia algo de diferente com sua filha, que alguma coisa fugia do seu comportamento habitual, mas, mesmo assim, permanece em silêncio no início. Toda a estima entre as duas garotas faz com que, além dos encontros que mantinham para estudar a Bíblia, também passem a trocar carícias entre si, e com isso o relacionamento começa a seguir outra direção afetiva:

Nós lemos a Bíblia como de costume, e então falamos de como estávamos contentes que o Senhor tenha nos unido. Ela acariciou minha cabeça por um longo tempo, e então nos abraçamos e pareceu que eu estava me afogando. Eu estava com medo, mas não consegui parar. Havia algo rastejando na minha barriga. Eu tinha um polvo dentro de mim²⁹ (WINTERSON, 1985, p. 92, tradução nossa).

Apesar de, no início, entender sua relação com a outra garota como algo benigno, Jeanette passa a se sentir culpada pelo que faz, pois durante toda a vida escutou sobre o conceito de “paixões antinaturais”. Após a primeira experiência sexual com Melanie, passa a esconder de sua mãe os momentos que a encontrava, pois se sente desconfortável. A princípio, ela não entende o motivo de se sentir de tal forma, pois continua crendo que a ter conhecido e trocar carinhos com ela é algo muito positivo, entretanto, depois de algum tempo, seu incômodo a faz confessar para sua mãe aquilo que sentia por Melanie. Isso traz grandes consequências para ela e sua amante, pois a Igreja e sua mãe não aprovam o tipo de relacionamento que elas mantêm:

Logo depois, decidi contar a ela como me sentia. Expliquei o quanto queria estar com Melanie, que podia conversar com ela, que precisava desse tipo de amiga. E.... E.... Mas eu nunca consegui falar sobre “e”... Minha mãe estava muito quieta, balançando a cabeça de vez em quando, de modo que eu achava que ela havia entendido uma parte. Quando terminei dei-lhe um beijinho, o que acho que a surpreendeu um pouco; nós normalmente nunca nos tocamos, exceto em momentos de raiva. ‘Vá para a cama agora’, ela disse, pegando sua Bíblia³⁰ (WINTERSON, 1985, p. 102, tradução nossa).

²⁸ No original: “I was delighted. She was my friend, and I wasn't used to that, apart from Elsie. Somehow, this was different. I talked about her all the time at home, and my mother never responded” (WINTERSON, 1985, p. 89).

²⁹ No original: “We read the Bible as usual, and then told each other how glad we were that the Lord had brought us together. She stroked my head for a long time, and then we hugged and it felt like drowning. Then I was frightened but couldn't stop. There was something crawling in my belly. I had an octopus inside me” (WINTERSON, 1985, p. 92).

³⁰ No original: “Soon afterwards I decided to tell her how I felt. I explained how much I wanted to be with Melanie, that I could talk to her, that I needed that kind of friend. And.... And.... But I never managed to talk about and.... My mother had been very quiet, nodding her head from time to time, so that I thought she

Por não aceitar o relacionamento homoafetivo, a Igreja condena as garotas, que são humilhadas na frente de todos durante um culto. O pastor as acusa de estarem cheias de demônios e as incrimina de estarem em pecado: “‘Essas filhas de Deus’, começou o pastor, ‘caíram no feitiço de Satanás’”³¹ (WINTERSON, 1985, p. 104, tradução nossa). Jeanette chega a defender a si mesma e a Melanie durante esse discurso, e admite que a ama e que não estava errada. É possível depreender que ela estava convicta a respeito dos seus sentimentos, e não se deixa abalar mesmo diante de toda a vexação que a comunidade religiosa a submete, juntamente com sua companheira:

‘Eu a amo.’
 ‘Então você não ama o Senhor.’
 ‘Sim, eu amo os dois.’
 ‘Você não pode.’
 ‘Eu posso, eu posso, deixe-me ir.’ Mas ele pegou meu braço e me segurou rapidamente³² (WINTERSON, 1985, p. 105, tradução nossa).

Além da humilhação a que é exposta na igreja, Jeanette também passa por situações constrangedoras que beiram a tortura em sua casa. Sua mãe e membros de sua igreja passam horas orando por ela, a prendem em um quarto, e a deixam sem alimentação por mais de um dia para que ela perca suas forças. Após esse incidente, ela passa a questionar as atitudes extremadas de sua mãe, ao invés de apenas aceitar tudo como se elas tivessem a mesma visão de mundo. Ecoando aquilo que havíamos discutido com relação à simbologia por trás das frutas, a garota chega inclusive a inquirir por uvas e bananas quando sua mãe lhe oferece apenas laranjas, pois sua visão é ampliada e ela começa a ver outras dimensões além do que aprendia em casa e na igreja.

Melanie, ao contrário de Jeanette, cede aos discursos do pastor e fica extremamente nervosa com a situação pela qual elas passam na igreja. Ela é uma personagem mais vulnerável e parece deixar-se influenciar mais pelo julgamento das outras pessoas: “‘Você promete desistir desse pecado e implorar ao Senhor que a perdoe?’ ‘Sim.’ Ela estava

understood some of it. When I finished I gave her a little kiss, which I think surprised her a bit; we never usually touched except in anger. ‘Go to bed now,’ she said, picking up her Bible” (WINTERSON, 1985, p. 102).

³¹ No original: “‘These children of God,’ began the pastor, ‘have fallen under Satan’s spell’” (WINTERSON, 1985, p. 104).

³² No original: “‘I love her.’

‘Then you do not love the Lord.’

‘Yes, I love both of them.’

‘You cannot.’

‘I do, I do, let me go.’ But he caught my arm and held me fast” (WINTERSON, 1985, p. 105).

tremendo incontrolavelmente. Eu mal ouvi o que ela disse”³³ (WINTERSON, 1985, p. 105, tradução nossa). Esse fato muda completamente a perspectiva dela, e a garota decide não mais se relacionar com Jeanette nem com outras mulheres: “‘O que eles fizeram com você?’ Eu perguntei. ‘Nada. Eu me arrependi, e eles me disseram que eu deveria fazer um teste e ir embora por uma semana. Não podemos nos ver. É errado’³⁴ (WINTERSON, 1985, p. 112, tradução nossa).

A família de Melanie não se revela durante o enredo, e aparentemente não exerce influências sobre ela no que diz respeito à sua sexualidade. Mesmo que Jeanette apareça com uma mãe extremamente intolerante e que tenha crescido de acordo com os dogmas do pentecostalismo, Melanie, que havia se convertido há apenas poucos meses, é quem padece e não consegue suportar o tormento e o julgamento a qual foi submetida. Jeanette passa a se envolver romanticamente com Katy, uma recém-convertida de sua congregação. Já Melanie, após os episódios na igreja, muda de cidade para estudar em uma universidade, e retorna após o período de um ano, anunciando seu casamento com um rapaz do exército, o qual Jeanette descreve como “asqueroso”.

É possível perceber que Jeanette não possuía mais nenhum interesse em se relacionar com Melanie, devido à sua grande decepção com a garota por não perseverar e lutar por seus sentimentos. Sua única contestação era a de que ela estivesse casando-se com um rapaz desprezível. Durante o momento que Melanie e seu noivo deixam a cidade, o rapaz fala com Jeanette como se ela tivesse cometido um erro incontornável, um delito grave, fato esse que ela não consegue suportar, chegando então a cuspir em seu rosto: “Assim que eles foram saindo em sua moto horrível da Cortina de Ferro, ele deu um tapinha no meu braço, disse que sabia e que nos perdoava. Havia apenas uma coisa que eu poderia fazer; juntei todo o meu cuspe e o fiz”³⁵ (WINTERSON, 1985, p. 127, tradução nossa). A fala do noivo de Melanie presumivelmente indica que ela lhe confidenciara a história de seu relacionamento com Jeanette, de maneira a assumir uma culpabilidade por outrora ter vivido um caso homoafetivo.

Em virtude de ter grande parte de seus sentimentos reprimidos pela religião e pela mãe, Jeanette é colocada em uma posição de precisar escolher entre se libertar da Igreja e viver sozinha, ou negar sua identidade e seguir as restrições a que era imposta para que

³³ No original: “‘Do you promise to give up this sin and beg the Lord to forgive you?’ ‘Yes.’ She was trembling uncontrollably. I hardly heard what she said” (WINTERSON, 1985, p. 105).

³⁴ No original: “‘What did they do to you?’ I asked. ‘Nothing, I repented, and they told me I should try and go away for a week. We can’t see each other, it’s wrong’” (WINTERSON, 1985, p. 112),

³⁵ No original: “Just as they were driving off on his horrible Iron Curtain motor bike, he patted my arm, told me he knew, and forgave us both. There was only one thing I could do; mustering all my spit, I did it” (WINTERSON, 1985, p. 127).

continuasse a viver naquela comunidade. Ela chega a ser expulsa de casa, pois de acordo com a sua mãe “[...] amor romântico por outra mulher é pecado”³⁶ (WINTERSON, 1985, p. 129, tradução nossa). Ao negar seu arrependimento, a igreja também a rejeita, e, através de uma visão sexista, coloca a culpa de suas “falhas” no fato de que ela seja mulher e tenha assumido funções que deveriam ser atribuídas somente a homens:

O verdadeiro problema, ao que parece, era ir contra os ensinamentos de São Paulo e permitir às mulheres o poder na igreja. Nossa filial da igreja nunca havia pensado nisso. Sempre tivemos mulheres fortes e elas organizavam tudo. Algumas de nós podiam pregar, e claramente, no meu caso, a igreja se enchia por causa disso. Houve tumulto, então uma coisa curiosa aconteceu. Minha mãe se levantou e disse que acreditava que isso estava certo: que as mulheres tinham circunstâncias específicas para o ministério, que a Escola Dominical era uma delas, a Irmandade era outra, mas que a mensagem pertencia aos homens. [...] Ela terminou dizendo que, tendo assumido o papel de um homem de outras maneiras, eu desrespeitei a lei de Deus e tentei fazer isso sexualmente³⁷ (WINTERSON, 1985, p. 135-136, tradução nossa).

Assim como a figura bíblica de Eva, Jeanette é condenada por ser mulher e ter cometido algo que era considerado “pecado”. Conforme afirma Macedo (1992), essa é uma concepção recorrente no pensamento cristão, a figura feminina é considerada moralmente inferior ao homem, pois foi criada a partir dele, em um momento posterior. Além disso, é habitualmente colocada como a principal responsável pelo “pecado original”, ato primeiro que conspurcou a alma dos homens, afastando-os do seu criador. Jeanette é obrigada a deixar sua igreja devido à reprovação de sua homossexualidade e, também por esse fato, é abandonada por sua mãe adotiva, precisando assim iniciar um novo estágio em sua vida. Apesar de as principais figuras de sua história virarem as costas para ela em um momento crítico, através de toda sua força a personagem consegue vencer os obstáculos e viver de forma independente de acordo com a sua identidade e suas crenças.

³⁶ No original: “[...] romantic love for another woman was a sin” (WINTERSON, 1985, p. 129).

³⁷ No original: “The real problem, it seemed, was going against the teachings of St Paul, and allowing women power in the church. Our branch of the church had never thought about it, we'd always had strong women, and the women organised everything. Some of us could preach, and quite plainly, in my case, the church was full because of it. There was uproar, then a curious thing happened. My mother stood up and said she believed this was right: that women had specific circumstances for their ministry, that the Sunday School was one of them, the Sisterhood another, but the message belonged to the men. [...] She ended by saying that having taken on a man's world in other ways I had flouted God's law and tried to do it sexually” (WINTERSON, 1985, p. 135-136).

Considerações finais

Através da presente pesquisa analisamos de que maneira o impacto das relações de gênero afetaram diretamente as ações de Jeanette, protagonista do livro *Oranges are not the only fruit*, de Jeanette Winterson, e também de sua amante, a personagem Melanie. A existência da personagem principal foi arquitetada pela perspectiva de sua mãe que, mesmo antes de adotá-la, já tinha planos para ela e a influenciou desde seus primeiros anos a seguir a religião pentecostal e a ser missionária. Os dogmas e crenças perpassados pela Igreja a impelia de desenvolver determinados comportamentos, bem como de se relacionar com pessoas do mesmo gênero, pois de acordo com o ponto de vista da religião em questão é um ato considerado pecaminoso. Ao tornar-se membro da Igreja, Melanie também passa a lidar com tais dogmas e crer que eles deveriam ser seguidos à risca, portanto assume-os como verdade universal.

O livro traz à discussão o tópico da homossexualidade e a repressão acerca desse tema por parte de determinadas denominações religiosas, especialmente pela igreja pentecostal e seus preceitos. As personagens são humilhadas publicamente por serem homossexuais, bem como influenciadas a se arrependerem do “grave pecado” que haviam cometido. Em forma de *Bildungsroman*, a protagonista narra como se deu o seu desenvolvimento e como ela enfrentou diversos desafios ao decorrer de sua jornada. A autora Jeanette Winterson, tendo se inspirado em sua própria vida para escrever a obra, mostra com conhecimento de causa como é estar na posição de mulher lésbica, e assim alimenta o debate com sua própria experiência em forma de ficção.

A partir da Teoria *Queer* verificamos que os papéis de gênero estão presentes no discurso da sociedade, engendrando modos de viver que são colocados nas categorias do “feminino” e do “masculino”. Os que fogem aos padrões são considerados desviantes, portanto, apesar de haver regras sociais que impõem determinadas condutas, também existem os que não se encaixam nesse padrão, como é o caso da protagonista do livro. Jeanette é subversiva ao não acatar os argumentos que são colocados contra sua orientação sexual, abandonando, assim, sua religião e sendo expulsa de casa por sua mãe pelo fato de ser homossexual. Ela decide seguir sua vida de acordo com o que acredita que lhe traria felicidade, passando, então, a exercer sua sexualidade de maneira plena. Diferentemente dela, a personagem Melanie não consegue lidar com as pressões sociais, o que impossibilita que ambas possam sustentar o relacionamento homoafetivo que mantinham. Melanie decide,

portanto, abandonar Jeanette para posteriormente se envolver em uma relação heteronormativa.

Examinar a história da sexualidade feminina foi essencial para traçar de que modo ocorreu o tratamento à figura da mulher ao decorrer de vários períodos e, assim, enxergar como isso é refletido no comportamento das personagens da obra estudada. As mulheres foram silenciadas durante séculos, além de não possuírem direitos, ao contrário dos homens, que, devido ao patriarcado, dominaram em todas as esferas sociais. A condenação de Jeanette se dá, além do fato de ser homossexual, também por ser do gênero feminino, pois recebe a acusação de que a razão de manifestar tais atitudes é pelo fato de ela ter exercido atividades que “deveriam ser realizadas apenas pelos homens”.

Chegamos à conclusão de que as personagens, de acordo com as formas que são reprimidas, tomam decisões completamente opostas e assumem identidades que acreditam ser mais propícias para elas. Jeanette, reconhecendo sua identidade lésbica e deixando o seu passado religioso para trás, e Melanie, acreditando que o melhor a ser feito é obedecer às convenções e manter um relacionamento heteronormativo, mesmo que tenha sido feliz durante o período em que esteve envolvida afetivamente com Jeanette. Isso nos mostra como diferentes sujeitos reagem de maneira distinta aos discursos que moldam nossa realidade. Ainda que eles sejam de grande importância para a formação da nossa subjetividade, somos nós mesmos que, em última instância, decidimos como responder.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOLLINGER, Laurel. Models of female loyalty: The Biblical Ruth in Jeanette Winterson's *Oranges are not the only fruit*. In: *Tulsa Studies in Women's Literature*. v. 13, n. 2, 1994. p. 363-380.
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BUTLER, Judith. *Subjects of desire: Hegelian reflections in twentieth-century France*. New York: Columbia University Press, 1987.
- EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. *Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: 1960-1980*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GASPARINI, Philippe. *Autofiction*. Paris: Seuil, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALLAM, Julia; MARSHMENT, Margaret. Framing Experience: Case Studies in the Reception of *Oranges Are Not the Only Fruit*. In: *Screen*, v. 36, 1995. p. 1–15.
- HERZOG, Dagmar. *Sexuality in Europe: a Twentieth-Century history*. Cambridge University Press: Cambridge, 2011.
- HINDS, Hilary. *Oranges are not the only fruit: reaching audiences other lesbian texts cannot reach*. In: WILTON, Tamsin (Org.). *Immortal, invisible: lesbians and the moving image*. London; New York: Routledge, 1995. p. 29-45.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. *Dicionário da crítica feminista*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2005.

MACEDO, José Rivair de. *A mulher na idade média*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

MAKINEN, Merja. *The novels of Jeanette Winterson*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte. Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

NAPHY, William. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2006.

ONEGA, Susana. *Jeanette Winterson*. Manchester: Manchester University Press, 2006.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. In: *Revista Bagoas* n. 5, 2010. p. 17-44.

RICH, Adrienne. *Of woman born: motherhood as experience and institution*. New York: W. W. Norton & Company, 1995.

SALLES, Catherine. *Nos submundos da antigüidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução e notas de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SANDERS, Valerie. First Wave Feminism In: GAMBLE, Sarah. (Org.). *The Routledge companion to feminism and postfeminism*. New York: Routledge, 2001. p. 15-24.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Tradução de Heci Regina Candiani; posfácio Richard Miskolci. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

STEARNS, Peter N. *História da sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VAN DER WIEL, Reina. *Literary Aesthetics of Trauma: Virginia Woolf and Jeanette Winterson*. London: Palgrave Macmillan, 2014.

WINTERSON, Jeanette. *Oranges are not the only fruit*. New York: Grove Press, 1985.

WINTERSON, Jeanette. *Por que ser feliz quando se pode ser normal?*. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Record, 2014.